

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**

**VALÉRIA CAMPOS MENÊZ**

**RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DA  
ESCOLA BERIMBAU DA REDE MUNICIPAL DE PICOS**

**PICOS**

**Dezembro/2018**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ –UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB

VALÉRIA CAMPOS MENÊZ

**RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DA  
ESCOLA BERIMBAU DA REDE MUNICIPAL DE PICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – Campus CSHNB.

Orientador: Prof. Me. Romildo De Castro Araújo

PICOS  
Dezembro/2108

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**M551r** Menêz, Valéria Campos.

Relações raciais entre crianças nos espaços da escola Berimbau da rede municipal de Picos / Valéria Campos Menêz.– 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. ( f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Prof. Me. Romildo De Castro Araújo

1. Relações Raciais. 2. Espaço Escolar. 3. Ensino Fundamental. 4. Crianças. I. Título.

**CDD 305.8**

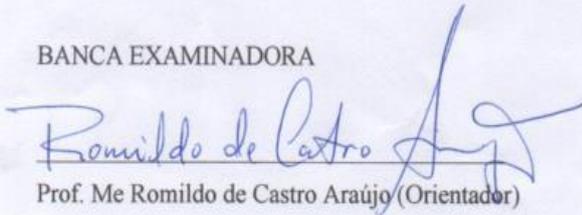
VALÉRIA CAMPOS MENÊZ

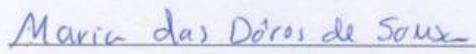
**RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DA  
ESCOLA BERIMBAU DA REDE MUNICIPAL DE PICOS**

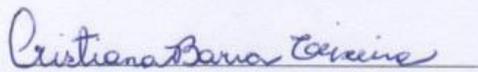
Monografia apresentada como requisito para a conclusão de Curso de Licenciatura Plena em  
Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Aprovada em 11 / 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me Romildo de Castro Araújo (Orientador)

  
Prof.ª Dr.ª Maria das Dôres de Sousa

  
Prof.ª Ma Cristiana Barra Teixeira

*À minha mãe, dona Valdete, foi por ela e para ela todo esforço, ela foi o motivo que eu tive para não ter desistido de seguir em frente.*

*À minha avó Didica e ao meu avô Elizeu os quais há aproximadamente 03 anos não estão mais ao meu lado, mais que sempre acreditaram que eu conseguiria e sempre sonharam em estar ao meu lado no dia da minha formatura.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sua misericórdia, por seu espírito que habita em mim, por ele ter me sustentado até o fim, por não ter me deixado desistir diante tantas dificuldades que passei durante os 05 anos de graduação até chegar até aqui. A realização desse trabalho conta ainda com a participação de pessoas especiais que muito me incentivaram, sinto-me privilegiada por todo amor e carinho que sempre me dedicaram, nem todas as palavras do mundo seriam suficientes para descrever tamanha gratidão.

Agradeço a minha mãe por sempre estar ao meu lado, ao meu pai e meu irmão por estarem sempre comigo e aos meus demais familiares, agradeço ao meu namorado por todo incentivo. Um agradecimento as minhas amiga que a Universidade me deu: Cristina Rocha, Janaina Maria, Mirley Ferreira, Francislene Lacerda, e aos demais, que me ensinam o verdadeiro valor da amizade.

Um agradecimento mais que especial ao meu orientador Prof. Romildo De Castro Araújo, por exigir sempre de mim apenas o melhor. Foi um privilegio enorme ter sido sua orientanda e poder aprender tanto com uma pessoa tão inteligente, tudo que me ensinou levarei sempre por onde andar.

Agradeço ainda a todos os meus professores desde o Ensino Infantil, até o Ensino Superior, tornei-me o que sou hoje graças a todos!

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.*

Nelson Mandela

## RESUMO

O presente trabalho trata das relações raciais nos espaços da Escola Municipal Berimbau. Na nossa sociedade o racismo está fortemente e historicamente enraizado, muitas vezes ocultado pelo mito que diz que no Brasil existe uma democracia racial. Este se estende também nos espaços escolares, funcionando como mecanismo de segregação, de rejeição e exclusão mediante as relações discriminatórias estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educacional. Dessa forma, diante inquietações sobre o preconceito na escola surgiu a seguinte pergunta: como se dão as relações raciais entre as crianças na Escola Municipal Berimbau do 1º ao 3º ano do turno manhã do primeiro ciclo do ensino fundamental? Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral refletir como se dão as relações raciais entre as crianças estudantes dessa Escola Municipal. A metodologia da pesquisa está composta de observações e entrevistas realizada com os professores. Realizamos uma análise de conteúdo sustentada num método simplificado da Bardin (1997). Buscamos alinhar a análise com uma compreensão dialética das relações raciais orientada no texto de Ianni (2004). O trabalho está fundamentado em Abramovay (2005;2006), Fonseca (2002), Munanga (2005), Santos (1984; 2016), Silva (2017), dentre outros que discutem a temática. A pesquisa demonstrou que o racismo se faz presente em meio às relações raciais das crianças nos espaços da Escola Municipal Barimbau na cidade de Picos - Piauí. Que esta prática se apresenta como mecanismo de exclusão dos estudantes negros. Estes reagem de diferentes formas seja assumindo o padrão predominante nas crianças, se retraindo e solando ou agindo de forma agressiva nos espaços escolares como revide às situações de violência. E que uma parte significativa dos professores tem formação insuficiente para tratamento da questão racial, muitas vezes, naturalizando essas práticas.

**Palavras chave:** Relações Raciais. Espaço Escolar. Ensino Fundamental. Crianças.

## ABSTRACT

This paper deals with racial relations in the spaces of the Municipal School Berimbau. In our society racism is strongly and historically rooted, often hidden by the myth that there is a racial democracy in Brazil. This also extends in the school spaces, functioning as a mechanism of segregation, rejection and exclusion through the discriminatory relations established between the subjects that participate in the educational process. Thus, in the face of concerns about prejudice at school, the following question arose: how do racial relations occur among children at the Berimbau Municipal School from the 1st to the 3rd year of the morning shift of the first cycle of elementary school? In this perspective, the present research has as general objective to reflect how the racial relations between the children students of this Municipal School take place. The methodology of the research is composed of observations and interviews conducted with the teachers. We performed a content analysis based on a simplified method of Bardin (1997). We seek to combine analysis with a dialectical understanding of race relations oriented in the text by Ianni (2004). The work is based on Abramovay (2005, 2006), Fonseca (2002), Munanga (2005), Santos (1984, 2016) and Silva (2017), among others who discuss the theme. The research showed that racism is present in the middle of the racial relations of the children in the spaces of the Municipal School Barimbau in the city of Picos - Piauí. That this practice presents it self as a mechanism for the exclusion of black students. These react in different ways to assume the predominate pattern in children, retracting and soling or acting aggressively in school spaces as it resolves to situations of violence. And that a significant proportion of teachers have insufficient training to treat the racial issue, often naturalizing these practices.

**keywords:** Racial Relations. School Space. Elementary School. Children

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 AS RELAÇÕES RACIAIS NA SOCIEDADE E NA ESCOLA BRASILEIRA.....</b>	<b>14</b>
1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	15
1.2 RELAÇÕES RACIAIS E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.....	21
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO, UNIVERSO E COLABORADORES DA PESQUISA.....	32
2.2 INSTRUMENTOS E COLETAS DE DADOS.....	33
2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO E PESQUISA QUALITATIVA.....	37
<b>3 OS SENTIDOS DO RACISMO NOS ESPAÇOS DA ESCOLA MUNICIPAL BERIMBAU DE PICOS.....</b>	<b>40</b>
3.1 REJEIÇÃO, MAL-ESTAR E LIMITES DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS.....	40
3.2 VIOLÊNCIA RACIAL E REVIDE A REJEIÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NEGRAS.....	45
3.3 FORMAÇÃO INSUFICIENTE NA ESCOLA.....	48
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICES A.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICES B.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

O racismo se configura historicamente na sociedade brasileira e se faz presente meio às suas relações sociais. Essas relações acompanham as mudanças na sociedade, se transformam, mudam, assumem características próprias e diferentes. A escola enquanto instituição social formativa deveria fazer enfrentamento contra a discriminação em todas as suas formas. Mas, muitas instituições escolares reforçam o mito da democracia racial operando para o ocultamento deste. Sobre essa democracia racial, Santos (2016) afirma: “Democracia racial seria, em uma definição sumária, a existência de relações raciais em que as oportunidades fossem iguais para todas as etnias envolvidas”. Mas não é isso que acontece em nossa sociedade, principalmente, no sistema de educação.

A história da educação no Brasil e, em especial, a inserção dos negros no processo da educação brasileira constitui-se em uma trajetória marcada por conflitos, contradições, preconceito e exclusão. As organizações negras têm combatido esse déficit, por meio de estratégias e de diversos projetos pedagógicos que impulsionam políticas públicas reparativas. (SILVA e SILVA, 2005)

Vemos nas escolas a exclusão, rejeição, uma realidade distinta entre crianças brancas e negras, negada pela instituição escolar quando assumem que existe democracia racial, as crianças a desenvolverem comportamentos muitas vezes inesperados frente a diversas situações que envolvem as relações raciais nesses espaços. Essas tensões raciais se fazem presentes, de forma que a escola possuir um caráter excludente, ao negar o racismo, o reproduz e reforma ao mesmo tempo.

Isso mostra a importância de pesquisas voltadas para o tema do racismo no ambiente escolar, sendo que é preciso demonstrar que o racismo está vigente na escola. E que o mesmo é fruto das relações de desigualdades da sociedade brasileira e se mantém resistente no presente, dificultando a educação das crianças negras da mesma forma que dificultou em todo o passado. Continua a suprimir a população negra, a qual por muito tempo não teve acesso à educação. Estamos certos de que o racismo está presente em toda a tessitura da social, enraizado, repassado de geração para gerações e como expressão das desigualdades raciais.

Sem sombra de dúvidas, o tema do racismo na escola, ganha mais destaque com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) e, em decorrência, do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2009), além da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial (2010) e da implementação de políticas de ações afirmativas. (CARVALHO, 2018)

Este trabalho de pesquisa foi realizado em um bairro popular da cidade de Picos, no qual existe graus elevados de vulnerabilidade social por parte das crianças, a maioria filhos da classe trabalhadora. No contato durante muito tempo com a comunidade e a escola, em função de estágio supervisionado realizado na escola, percebemos que as famílias passam por necessidades diárias e básicas, uma comunidade excluída sócio e economicamente. Em uma mesma comunidade, presenciamos realidades completamente distintas e raramente percebidas diante o atual contexto individualista existente, onde o outro é dificilmente percebido enquanto ser humano. Morar em um bairro carente implica muitas vezes estar mais perto da violência todos os dias, de sofrer preconceitos e estereótipos.

E ainda implica frequentar escolas que reproduzem estes estereótipos levando com que as crianças tenham dificuldades de interior nos seus espaços, perdendo o interesse pela aprendizagem. O racismo presenciado no dia-dia é tido como algo normal e natural no ambiente escolar em que estão inseridos. A evasão escolar tem suas influências, onde o aluno não se encontra no ambiente que é inserido e passa a não querer frequentar o local, ou muitas vezes tende a apresentar comportamentos que de certa forma se configuram como resistência diante das situações que ocorrem na escola. Nesse espaço também são tratado com indiferença. As crianças negras se encontram também vulneráveis nesse ambiente, sendo expostas à inúmeros estereótipos que atrapalham a infância e se multiplicam pela vida adulta, dificultando as relações na sociedade como um todo.

O fato de morar em uma comunidade onde não é bem visto, faz com que essas crianças sejam excluídas desde cedo da sociedade, discriminadas, julgadas pelo espaço onde convivem, pelo modo de viverem e se relacionarem com a sociedade. Acabam sendo pacientes de ideologias como o racismo que tendem a dificultar a sua inserção escolar.

É diante desse cenário de discriminação que se configura a educação atual das crianças negras brasileiras. Problemas detectados há décadas continuam muito resistentes no sistema escolar. A pesquisa procurou compreender: como se dão as relações raciais entre as crianças negras nos espaços da Escola Municipal Berimbau?<sup>1</sup>. O objetivo geral é refletir sobre o tratamento das relações raciais com as crianças negras frente às praticas de discriminação na

---

<sup>1</sup> Nome fictício utilizado em função da resistência que a gestão da escola apresentou quando teve ciência do tema que estávamos pesquisando. Percebemos que não é qualquer tema, pois as dificuldades foram muitas.

escola fundamental do 1ª ao 3º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental. Tendo como objetivos específicos: 1. Abordar sobre as relações raciais na escola como parte das relações construídas historicamente na formação da sociedade brasileira; 2. Descrever como as crianças negras interagem frente a situação de discriminação racial nos espaços escolares do ensino fundamental; e 3. Conhecer como os professores percebem e tratam a questão na sua prática pedagógica em situações de racismo ocorrido entre estudantes nos espaços da escola.

Nossa hipótese é que as crianças negras continuam apresentando dificuldade de convivência com comportamentos racistas de seus pares, que podem ser observados nas relações que os mesmos estabelecem nos espaços escolares. Isto provoca processo de mal-estar na convivência destas crianças nestes espaços que se traduz em sentimentos de rejeição e demarcando os limites de interação destas crianças nos espaços da escola. Dessa forma, não podemos conceber que todas as crianças convivam nos espaços escolares nas mesmas condições de interação. A não ser que, em alguns casos, algumas dessas crianças utilizem um padrão que incorpore os modos predominantes ou agressividade contra a discriminação racial contra os mesmos, ou seja, formas de revide à rejeição. Tudo isso demonstra que existe uma formação docente sobre o tema, mas insuficiente. E que diante dos conflitos, os professores não conseguem uma atuação que supere o problema.

Assim a presente monografia dispõe de três capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre o tema racismo na escola e na sala de aula e uma discussão sobre a história e a realidade da educação das crianças negras no Brasil de ontem e de hoje. Dialogamos com dados de algumas pesquisas realizadas sobre o tema. O segundo tratará da metodologia com uma breve caracterização do universo, dos sujeitos da pesquisa, instrumentos de coleta de dados e método utilizado para analisar os dados, demonstrando como este processo de pesquisa foi realizado. O terceiro capítulo trará a análise dos dados e os resultados da pesquisa, apresentando o que foi possível perceber das relações raciais nos espaços da escola.

Consideramos que é através da educação que as crianças podem mudar suas vidas, mudar seus futuros, mudar suas expectativas de vida e visão de mundo nessa sociedade em que a população negra é segregada, discriminada, excluída, marginalizada, explorada, tendo que lutar pelos seus direitos, pela sua afirmação enquanto sujeito histórico e pelos valores culturais que lhes dão sentido.

## 1 AS RELAÇÕES RACIAIS NA SOCIEDADE E NA ESCOLA BRASILEIRA

Quando nos referimos ao racismo, estamos tratando de algo que se manifesta em todas as relações estabelecidas na sociedade brasileira ao longo de sua história. De acordo com Santos (1984), o racismo pode ser concebido como um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre o outro. O racismo assenta assim numa falsidade científica. Existem diferentes formas de racismo, ou seja, a prática assume várias expressões ao longo da sua existência. Na história da humanidade, a segregação foi uma das formas mais ostensiva, contudo, percebe-se variadas formas de prática do racismo, desde as formas sutis até as violentas propriamente ditas.

Ianni destaca a importância do tema para os indivíduos, as coletividades, assim como para os cientistas sociais:

Vista assim em perspectiva ampla, a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade. Ao lado de outros dilemas, também fundamentais, como guerras religiosas, as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, a questão racial revela-se um desafio permanente, tanto para indivíduos e coletividades como para cientistas sociais, filósofos e artistas (IANNI, p. 21, 2004).

Boa parte do contexto histórico do Brasil mostra inúmeras imagens da população negra sempre como alvo de negatividade e sem o reconhecimento das suas contribuições para formação social, cultural, econômica e política da sociedade. Os negros sempre foram tidos como inferiores aos brancos, excluídos da sociedade, escravizados por mais de 300 anos. Ou mesmo, “rejeitados” como diria Nascimento (2016). Para o autor:

O ponto de partida nos assinala a chamada “descoberta” do Brasil pelos portugueses, em 1500. A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão. Por volta de 1530, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo seu papel de “força de trabalho”; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regulamente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em proporções enormes (NASCIMENTO, 2016, p.57).

Em outras palavras, o racismo é um dos muitos filhos do capital, com peculiaridade de ter crescido junto com ele (SANTOS 1984). Durante séculos, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. O colonialismo português adotou formas mais específicas para disfarçar fundamental violência e crueldade, afirma o autor (NASCIMENTO, 2016) Daí por diante

imagens dessa população que circularam nas memórias seguiu sendo compostas pelas marcas da desumanidade sofrida. Mais recentemente estão sendo associadas às lutas pela afirmação enquanto sujeito histórico, a sua cultura e pelos direitos sociais e econômicos, os quais lhes foram durante tanto tempo, negados.

Todos esses fatores trouxeram problemas para inserção da população negra na sociedade brasileira que se manifestam de diversas formas, nos seus diferentes espaços. Aparecendo fortemente enraizado na sociedade e, como não poderia deixar ser, também nas escolas brasileiras, o racismo tornou-se um objeto necessário ao estudo. Queremos aqui realizar uma pequena e modesta contribuição ao debate desses temas.

Neste capítulo, abordamos as questões históricas e sociológicas que envolvem a relação entre sociedade, escola e racismo. Procuramos compreender a presença do racismo na sociedade e nas escolas e as consequências para o processo de interação de crianças negras nos espaços escolares. Destacaremos ainda, as categorias de análise que nos possibilitam olhar para o objeto e refletir sobre o mesmo na perspectiva da crítica ao racismo na escola, de forma a conhecer suas formas de expressão, sua presença e as consequências para os sujeitos alunos e alunas do primeiro ciclo do ensino fundamental.

## 1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Durante o processo de colonização do Brasil foi imposto o regime escravista, que segundo Silva e Silva (2017, p.13) foi “autorizado pelo Estado e justificado ideologicamente por teorias que defendiam uma suposta superioridade “biológica” e por sofistas religiosos católicos usados para capturar, traficar e subjugar à escravidão os negros africanos”. Sendo assim, durante todo o período de colonização das Américas, os negros foram utilizados como força motriz da empresa colonial.

Ainda de acordo com o autor, podemos perceber todo um cenário onde as condições dos negros não foram favoráveis para viverem na sociedade brasileira. Inúmeras teorias naturalizaram a exclusão do negro na sociedade, julgando-o como inferior. Um dos argumentos pseudocientíficos-filosófico utilizados para explicação das diferenças raciais foi segundo Silva e Silva (2017, p.16):

A do princípio da similitude, pelo qual os selvagens seriam seres humanos inferiores, porém humanos, por causa da sua semelhança anatômica. Tal concepção justificou e legitimou as relações de dominação, atribuindo aos

colonizadores o poder de separar a população entre “superior” e “inferior”, desrespeitando, portanto, a diversidade cultural existentes nas sociedades (SILVA e SILVA, 2017, p.16).

Percebemos desde então, a intolerância, a não aceitação da pluralidade, discursos vagos, sem humanidade e respeito com a vida do próximo, visando somente o poder e dominação. Ainda de acordo com Munanga (2005), desde o século XV, milhões de páginas em tratados, ensaios, monografias e teses foram escritas para sustentar o racismo como prática necessária e justificável. Todas as justificativas elaboradas sobre uma suposta inferioridade traçou um perfil de organização da sociedade. Aqueles que não se encontrassem no perfil semelhante aos dos colonizadores seriam capturados, escravizados devendo, assim, servir os ditos superiores, esses dividiam e organizavam a sociedade de acordo com seus interesses enquanto que os negros serviriam a esses aos grupos dominantes.

Por conta dessas teorias, a sociedade foi aos poucos classificando os povos por raças. Os mesmos seriam separados de acordo com o fenótipo e as características apresentadas. Joel Rufino, (2016, p. 17-18) coloca que:

A crença de que existem *raças humanas* foi *historicamente produzida*, assim como os perfis que cada raça assumiu nessas classificações. Essa crença equivocada e sem base científica é denominada de *racionalismo* e não leva necessariamente a discriminação do outro. Porém quando o racionalismo leva à discriminação ou a dominação do outro, aí se caracteriza o racismo.

Os perfis assumidos pela população negra seriam as que diziam respeito sobre o fenótipo: cor da pele negra e o cabelo considerado crespo. A identidade do negro nada tem haver com criação de conceitos que possam representá-los como inferiores. Estas características foram criadas através de ideologias para subjulgar os negros, repreendê-los, domina-los, julga-los e excluí-los.

E podemos ainda acrescentar que o “[...] racismo surgiu como produto das relações humanas, constituído historicamente e, mediante uma consciência grupal, regulou os modos de acesso aos recursos da sociedade de maneira racialmente seletiva em função de um fenótipo”. (Silva e Silva, 2017, p.19).

A questão da cor negra como negativa está relacionada às justificativas de inferioridade, usadas com fins de detenção de poder e dominação sobre esta população e divisão da sociedade em classes. É criação de relações estabelecidas ao longo dos séculos por teorias e ideologias que tentam justificar a inferioridade do negro para fazer uso da sua mão de obra sem a recompensa necessária. Nesse sentido, a cor da pele prestou ao capitalismo um inestimável serviço, quando separa, no mercado em que se compra e vende mão-de-obra, a mercadoria de primeira e de segunda (SANTOS, 1984).

Vendo de um modo mais específico, o racismo não é difícil de ser presenciado na sociedade, relacionados ao meio em que estamos inseridos, seja o trabalho, a comunidade ou a escola. Conforme Munanga e Gomes (2005 apud ALVES, 2012) racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, muitas vezes ódio, em relação à pessoa que possui um perfil racial observável por meios de sinais como a cor da pele, o cabelo, entre outras características. Esse contexto de não aceitação se configura como uma parte do racismo mais intensa, expressa em violência.

De acordo com Alves (2012, p.04):

O racismo pode ser visto como prática e como uma ideologia. Enquanto prática é identificável desde o Brasil colônia. No Brasil desde o período escravista os negros eram vistos como coisas; como ideologia o racismo foi construído a partir das representações dos negros como seres monstruosos o que comprova a existência de várias teorias implantadas na nossa sociedade. Essas teorias construíram imagens negativas acerca das pessoas negras serem feias, preguiçosas, sem cultura, costumes e religião, incapazes de pensar e tinham a cor da pele tida como símbolo de impureza. Para constatar elaboraram a ideia de que a cor branca representa pureza.

Vemos que ambos os autores citam o contexto histórico e as formas com que o racismo se transforma em ideologias, determinando as formas de pensar de gerações sobre a relação entre brancos e negros. Para Silva e Silva (2017 p.18), o “[...] racismo moderno é consequência da escravidão”. O negro passa então a ser alvo de exclusão na sociedade, principalmente quando se refere à educação, onde não tiveram por muito tempo acesso a educação já que a estruturação de nossa sociedade contou, até 1888, com o trabalho escravo e durante esse tempo a população negra foi excluída também da educação.

Alguns estudos indicam ainda, que os primeiros contatos da população negra com a educação além de servir como ferramenta de manipulação, alienação, estabelecia um caráter trabalhista, os negros recebiam de certa forma uma educação privada que beneficiaria os proprietários de terras, como podemos ver de acordo com Silva (2002, p. 46):

Durante a escravidão, as práticas educativas em relação aos negros escravizados eram exercidas no âmbito privado e eram marcadas pela intenção de fazer deles seres ignorantes e embrutecidos; esses elementos eram tidos como indispensáveis para fazer com que os escravos fossem mais facilmente dominados e se enquadrassem perfeitamente no modelo de sociedade organizado a partir do trabalho servil.

A educação para a população negra era voltada para a manutenção do poder de determinados grupos na sociedade, em prol do poder de ascensão da classe burguesa. De certa forma, essa população era excluída da educação no que se refere a termos de justiça e igualdade.

Conforme Ferriera Jr e Bittar na obra “Casa-Grande & Senzala”, Gilberto Freyre, reconhece que só os negros e moleques foram barrados nas primeiras escolas jesuíticas. Negros e moleques retintos. Assim, podemos perceber que havia uma resistência enorme à inserção das crianças negras nas escolas jesuíticas. Aquelas que conseguiam adentrar nesses espaços eram submetidas aos castigos do método. Vale lembrar segundo ainda o autor que:

Assim, tem-se dado pouca atenção para o fato de que os filhos dos escravos pertencentes aos missionários-fazendeiros também foram educados nas escolas concebidas pelo Ratio studiorum. Evidentemente, a educação de crianças negras no Brasil Colonial foi um fenômeno residual. Constituiu-se uma exceção da regra geral que caracteriza os grandes traços explicativos da história da educação do período em tela, ou seja, a exclusão da ampla maioria do povo brasileiro. Entretanto, mesmo tendo se constituído uma exceção, merece registro (FERREIRA JR; BITTAR, p.473, 1999).

Os estudos de Fonseca (2002) relatam que o processo de educação oficializada, voltada para os negros demorou a ser efetivado e quando o foi, ficou preso à formalidade. Deu-se de fato através da Lei do Ventre Livre que segundo ele:

Trata-se de um dos primeiros documentos oficiais em que a educação voltada para escravos e libertos aparece de forma explícita e como resultado de um intenso debate onde os negros e a educação foram vinculados como uma das condições a serem consideradas para o processo de abolição do trabalho escravo. (FONSECA, 2002 p.34).

Esses estudos de Fonseca (2002), mostram que um dos elementos contidos na Lei do Ventre Livre, tratava-se da libertação dos filhos(as) de mulheres escravas, os mesmos a partir do nascimento, seriam considerados livres e ainda deveriam receber educação. Entretanto, como a Lei foi regulamentada em 1781 alguns anos após a proibição do tráfico negreiro, os nascidos livres eram os únicos que poderiam se tornar os futuros trabalhadores, já que a entrada de escravos estava impedida, o ventre da mulher seria o único meio de fazer se desse vida aos novos trabalhadores. Dessa forma, as crianças que viviam nessa condição receberiam uma educação voltada para o trabalho. Toda a educação recebida pelas crianças manifestava os interesses da classe burguesa. Como é colocado pelo autor, as crianças negras eram efetivamente tratadas como os trabalhadores negros do futuro.

Nesse sentido, a educação assume um caráter elitista, servindo como ferramenta de alienação levando a dominação da população negra. Todo trabalho servil que seria exercido mais tarde pelas crianças que nasceriam “livres” e desde a sua infância, toda a educação recebida por estas, teria o objetivo de que fossem aos poucos assumindo uma consciência que levasse a conservação do modelo de sociedade estabelecido onde os negros apenas servem aos seus senhores, e para que depois disso, quando se desse o processo de abolição os mesmos

permanecessem com os mesmos pensamentos, omissos, trabalhadores braçais sempre sem expectativas de vida.

O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno. Diversas outras estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares.

Em termos, a Lei do Ventre Livre por mais que tenha se colocado como primeiro documento a introduzir as crianças negras à educação, foi segundo FONSECA (2002), um dos meios encontrados para moldar um novo modelo de sociedade que queriam criar mediante as mudanças em que a sociedade estava passando, sendo assim, a solução foi educar os negros de uma forma que esses permanecessem no mesmo lugar em que se encontravam, ocupando cargos baixos na escala social

Sobre isso Fonseca (2002 p. 58) coloca que:

[...] A educação foi acionada como um importante mecanismo de dominação em relação os negros do Brasil, e isso já nos estágios finais da escravidão. A educação foi valorizada como um instrumento capaz de construir o perfil ideal para os negros em uma sociedade livre, garantindo que estes continuariam nos postos e trabalho mais baixos do processo produtivo e que não se submeteriam a hierarquia racial construída ao longo da escravidão, pois essa hierarquia era fundamental para um País que, apesar da diversidade racial de sua população, objetivava manter vivas suas origens europeias e retratando a si mesmo como uma nação cujo destino era edificar que deveria se assemelhar às nações do chamado Velho Continente.

É possível comentar de acordo com as palavras do autor acima, que a qualquer custo as relações estabelecidas entre brancos e negros no tocante à educação, deve ser considerada uma relação de poder, onde os brancos tentavam mostrar superioridade como uma forma de dominar e usar uma mão de obra barata para que pudesse então enriquecer a custa da população negra, que para isso continuaram sendo excluindo da sociedade.

Mais tarde, em setembro de 1885, foi aprovada a Lei do Sexagenário que concedeu liberdade aos escravos com 60 anos ou mais. Uma medida polêmica que manteve vivo o debate sobre o fim da escravidão e da ideia da abolição, que viria a ocorrer três anos depois em 1888. Do ponto de vista econômico e humanitário, a medida legislativa teve pouca repercussão na vida dos negros. Submetidos a trabalhos extenuantes e péssimas condições de vida, uma quantidade muito insignificante de escravos conseguiram chegar à marca dos 60 anos de idade. Porém, a aprovação da Lei dos Sexagenários foi de importante na luta pela libertação dos negros. Importa lembrar que para os libertos naquela ocasião quase nenhuma

garantia social foi concedida. Alguns argumentos inconsistentes eram utilizados em favor da continuidade do regime escravista:

Os argumentos levantados contra a aprovação da Lei dos Sexagenários eram os mesmos dos que temiam o fim da escravatura. Sem a mão de obra escrava, diziam os escravagistas, a economia do país, fortemente agrária, seria conduzida à ruína. Acostumado com o mínimo necessário para sobreviver, o escravo não se esforçaria para trabalhar como um homem livre, diziam. Somente o imigrante poderia substituir o trabalho forçado nas lavouras. Assim, sem trabalhar, o negro livre ficaria nas ruas, “perturbando a ordem pública”. (PAGANINE, 2015, p. 5).

As justificativas de inferioridade criadas sobre os negros exerciam tamanha força que qualquer contato com esses povos eram interrompidos. Os brancos a todo instante tentavam reforçar sua suposta superioridade onde os negros não deviam frequentar aos mesmos lugares, tão pouco compartilhar de um mesmo local como a escola. Quando finalmente os negros conseguem fazer parte da sala de aula juntamente com os brancos, fica evidente o fato de que foi difícil para os mesmos se inserirem nesses novos espaços. Diversas lutas foram travadas para a inserção do negro na educação, de forma que o mesmo pudesse de fato participar do mesmo espaço educacional que o branco e receber os mesmos conhecimentos.

No Brasil, Colônia, Império e República, mesmo no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira foi assumida pelas elites governantes. Quando finalmente o negro adentra no espaço escolar, ele chega à sala de aula carregando uma identidade construída à força e se depara com muitas outras lutas a serem travadas, principalmente, a luta contra o racismo que foi durante toda escravidão se constituindo.

É ainda uma fase em que além de buscar seu direito ao acesso à escola, o negro tem que lutar para conseguir alcançar o respeito nesse espaço, ser tratado com igualdade, o que levou e ainda levará alguns anos para que de fato consigamos alcançar igualdade de condições. Nas palavras de Silva e Silva:

Quanto à educação, podemos inferir que, embora a partir da Revolução de 1930, período marcado pela transição da sociedade agrária e mercantil herdada do período colonial para o modelo industrial e capitalista, tenha sido considerada como problema nacional, notadamente pela criação do Ministério da Educação em 1931; a sociedade brasileira continuou a reforçar mecanismos de discriminação racial, como pode ser verificada na Constituição de 1934, que prescreve o incentivo à Educação eugênica, que preconizava a ideia de pureza racial como contraposição à alegada degeneração decorrente dos cruzamentos raciais. (SILVA, SILVA 2017 p. 37)

É nesse sentido que podemos dizer que a questão do negro chegou à sala de aula conforme o país se desenvolveu. O país em que vivemos não se desenvolveu em questão de igualdade econômico-social. Continuamos atados à sombra de um passado de diferenças, omissos a preconceitos formados através da intolerância e não aceitação da pluralidade (SANTOS, 2016). Podemos até nos perguntar em que critério o país realmente se desenvolveu uma vez que continuava reproduzindo as desigualdades sobre a população negra. Em termos, de acordo com Munanga (2000) apud Silva e Silva (2017 p. 39):

A ideia de progresso do País dependia não apenas do seu desenvolvimento econômico e/ou da implantação de instituições modernas, mas também do aprimoramento racial de seu povo, dominou a cena política e influenciou decisões públicas das últimas décadas do século XIX, contribuindo efetivamente para o aprofundamento das desigualdades no País.

É considerado pensar que em um país onde excluem boa parte da população da escola por causa da cor da pele demore anos para se desenvolver, não podemos considerar um país que limita o acesso das pessoas por conta de uma simples parte da genética. Ainda temos muito que debater sobre as questões raciais e ainda, temos muitas lutas a serem conquistadas. Tudo isso pode se concretizar através e, sobretudo da educação das crianças desde os anos iniciais de ensino. E podemos ainda acrescentar que “O racismo surgiu como produto das relações humanas, constituído historicamente e, mediante uma consciência grupal, regulou os modos de acesso aos recursos da sociedade de maneira racialmente seletiva em função de um fenótipo.” (SILVA E SILVA, 2017, p.19) Muitas lutas vêm sendo travadas há muito tempo para que consigamos alcançar a igualdade racial. O Movimento Negro é um dos protagonistas dessas lutas, presente que está sempre procurando lutar pelos direitos da população negra.

## 1.2 RELAÇÕES RACIAIS E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA

Em pleno século XXI vemos persistir as desigualdades no que se trata da educação dos negros, fator que contribui para a exclusão dos mesmos na sociedade brasileira. Uma sociedade onde a escola funciona como aparelho de reprodução das desigualdades sociais, contribuindo para a criação de uma dualidade educacional. A discriminação do próprio sistema influencia na construção de uma imagem negativa da relação do negro com a escola. Como o racismo se faz presente hoje nos espaços escolares e quais suas consequências para a trajetória de crianças negras?

O racismo como principal forma de discriminação presente na escola na atualidade gera dificuldades dos alunos negros podendo refletir-se nas trajetórias escolares e no rendimento escolar dessas crianças. O que, na verdade, não passa das manifestações de uma sociedade historicamente marcada por discriminações e desigualdades. No tocante à escola isto tem um significado particular.

Na pesquisa sobre “Relações raciais na escola: reprodução da desigualdade em nome da igualdade” realizada entre 2003 e 2004, nas escolas brasileiras, tomando como base, dados coletados em vários estados da Federação, resultado de um convênio entre o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão do Ministério da Educação, e a UNESCO. Coordenado pelas sociólogas Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay, realizado nas cidades de Belém, Salvador, São Paulo, Porto Alegre e no Distrito Federal, o estudo é abrangente e focaliza crianças, alunos das últimas séries do ensino fundamental e do ensino médio, assim como pais, professores, diretores e funcionários de 25 escolas particulares e públicas.

A pesquisa acima comprova que nos estratos sociais mais altos, os índices de desempenho dos alunos são menos críticos, o que reforçaria a tese de que aqueles que possuem um desempenho escolar mais baixo são os alunos mais pobres. Entretanto, quando se cruzam os dados socioeconômicos com a variável raça/cor dos alunos, a conclusão é que “a pobreza iguala por baixo”, ou seja, brancos e negros possuem as notas mais baixas, estando mais próximos socialmente. Já os alunos brancos e negros de estrato socioeconômico superior, ainda que apresentem as notas mais altas, se distanciam mais entre si. Os alunos negros apresentam notas bem mais baixas do que os alunos brancos da mesma classe social.

O estudo identificou diversos tipos de racismo e tratamento depreciativo dos negros nas escolas. Na maioria das escolas a questão racial não era tematizada, aparecendo como não prioritária, mesmo naquelas que concentravam uma quantidade significativa de alunos negros ou que apresentavam um amplo repertório de preconceitos e discriminação em relação aos estudantes negros. As abordagens são sempre esporádicas e circunstanciais. Também foi identificada a falta de preparo dos professores para abordarem o tema em sala de aula. “O mito democracia racial encontra eco nas escolas, dificultando a percepção do que e caracteriza em práticas discriminatórias no espaço escolar” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

A importância dessa pesquisa para nosso trabalho é que a mesma identifica que a principal discriminação existente na escola é a motivada por pela cor das pessoas como

indicador social de raça. A tese da autora, segundo a qual o racismo afeta o desempenho escolar serve como parâmetro para o estudo do tema racismo na escola.

Nas series iniciais do ensino fundamental torna-se preocupante a intensidade em que se dão as relações raciais. As crianças reproduzem em sala de aula e em outros ambientes da escola relações vivenciadas na sociedade, seja na família, na comunidade, ou que veem nas mídias. Até mesmo os conteúdos escolares reproduzem muitas vezes essas relações. E por vezes os estereótipos são criados dentro da própria escola, o meio de interação, trocas de informações que estão constantemente sendo comunicadas no cotidiano das crianças.

A educação familiar procura descaracterizar ao máximo a criança, reforçando, ao contrário, o como ela pensa que o branco seja ou aja. É assim que, por exemplo, as crianças são advertidas para não falarem alto, não falarem quando não solicitadas, pois preto ressalta muito no meio. O objetivo dessa educação é formar um preto bem comportado, reproduzir o preto obediente, submisso e prestativo, tendo requisito para ser o preto bem sucedido na sociedade branca. Procura-se, então, fazer com que a criança nunca tenha atitudes identificáveis como sendo de negros desclassificados, no modo de andar, de se por diante das pessoas, etc. (LUIZ; SALVADOR; CUNHA JR. s/d, p.70).

Até mesmo a linguagem que circula na escola afeta a educação das crianças negras uma vez os termos utilizados pela escola são comuns dentro de um estrato de população de classe média urbana. A criança não entende e não é entendida, portanto, ela é considerada “burra”. Outras que conseguem vencer o meio com um esforço fora do norma é tida como diferente. São sutis as formas pelas quais a discriminação racial se processa e se mantém na escola (Ibid). A escola reproduz discriminação a partir do momento em que exclui o contexto histórico e cultural da população negra, afro-brasileira e africana, na medida em que nega o ensino, negando a construção da sua identidade. Como afirma Santos (2016), ignorar e rejeitar as maneiras singulares com que cada povo expressa sua cultura empobrece nossa civilização.

Ocorre um o processo de branqueamento em que as crianças negras procuram se incluírem melhor no espaço escolar, nessa perspectiva, as crianças tentam de qualquer forma se inserir, enquadrando-se nos padrões dominantes. De acordo com Silva (2017, p.43):

A política do branqueamento da população, ao internalizar na sociedade o padrão de beleza aceito associado ao grupo étnico-racial branco, criou convenções comportamentos concebidos socialmente, como “certo e/ou errado. Nessa perspectiva, a elite dominante branca procurou incutir aos grupos raciais não brancos (em particular, ao grupo negro) sentimentos de negatividade que descaracterizava sua beleza física, sua inteligência, bem como sua capacidade de participação ativa na sociedade. Uma vez que isso

acontece moldam-se os comportamentos e estruturam-se formas de agir e pensar estigmatizados.

No contexto escolar é comum às crianças optarem pelo branqueamento, passando a assumir comportamentos que façam com que sejam aceitos com facilidades. Sofrem desde cedo varias formas de discriminação, por isso, percebe-se que se apresentam de imediato as mudanças por parte do cabelo que por ser diferente do que é ditada pelos padrões de beleza é tido como o estranho. Acaba que não aceito nos meios, inclusive pela própria criança, desde cedo procura de imediato mudar a aparência.

A marca do Brasil é o do preconceito racial que opera em três dimensões: a moral, a intelectual e a estética, expressando num sentido histórico o processo de relações de dominação colonialista que inferiorizou e subalternou a população negra. (NOGUEIRA,1985 apud ALVES, 2015, p.7)

Como é colocado por Bueno (2013) as vítimas do preconceito acabam aprisionando-se nas armadilhas do particularismo estruturadas pelo próprio dominador. Nisso podemos ver que o sistema pressiona e condiciona a produção do racismo onde muitas vezes a criança apresenta-se tão fragilizada com o preconceito sofrido que passa a apresentar o desinteresse pela escola e outras tentativas de frustração como a evasão, que é justificada relacionadas as questões de capacidade intelectuais.

Ainda segundo o autor, pode-se entender que o racismo opera como uma espécie de mecanismo de dominação, o qual pode afeta até mesmo o psicológico fazendo com que a criança “deixe de querer ser o que é”. E passe a adotar outra identidade, incluindo comportamentos com seu próprio corpo, não aceitando suas características. Tudo isso nos mostra mais uma vez como sistema trabalha para que todas as desigualdades de raças prevaleçam e se intensifiquem nos vários espaços da sociedade de classes de forma que o negro continue sendo excluído da sociedade e como parte desse processo da escola também.

Dessa forma, o racismo é reforçado e resiste também no espaço escolar. Quando uma criança passa a sofrer com o racismo e não se aceitar enquanto pessoa, pode ter dificuldades também nas relações estabelecidas em outros locais além do espaço escolar. E irá crescer e se desenvolver com dificuldades, podendo chegar a vida adulta com inúmeros problemas relacionados à sua identidade racial. A discriminação racial ocorre nos espaços escolas, e quando ocorrem, em sala de aula, podem ser traumáticas. Silva (2017) afirma que, no ambiente escolar:

As relações vão sendo estruturadas e amadurecidas, visto ser um espaço propício para a socialização no qual se vivenciam significativas experiências de relações interpessoais, que podem deixar marcas profundas nas histórias de vida das pessoas, cujos reflexos poderão causar danos emocionais, tais como

baixa autoestima e ausência de reconhecimento de capacidade pessoal, além de dificuldades no estabelecimento das relações interpessoais. (SILVA, 2017, p.47)

Todas as experiências vivenciadas no ambiente escolar pelas crianças deixam marcas que são levadas para a vida na sociedade. Quando nos referimos a experiências negativas voltadas ao racismo, essas tendem a deixar marcas que podem atrapalhar suas trajetórias escolares, criando barreiras que podem bloquear até mesmo a capacidade da criança obter um bom rendimento escolar como já foi discutido anteriormente.

A educação deveria ser um dos meios de combater, desmistificar e prevenir os estereótipos que levam ao surgimento do racismo. É possível notar mediante as relações estabelecidas no ambiente escolar, que a escola falha com sua missão uma vez que reproduz ideologias que causam exclusão e não afirmação dos grupos menos favorecidos socialmente. A não aceitação de o próprio ser pode ter uma relação de como os conteúdos sobre a história e a cultura das populações negras são trabalhados em sala de aula. Mananga afirma que:

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. (MANANGA, 2005, p.16)

Dessa forma, existem vários fatores internos da escola que comprometem a educação presente das crianças negras. Boa parte dos professores que não sabem lidar com essas situações raciais em sala de aula e que por vezes têm dimensão dos efeitos do racismo são também os criadores de estereótipos em sala de aula, causando estranhamento sobre os conteúdos e constrangimentos por parte dos alunos negros.

Segundo Guimarães (2002), apud Abramovay (2006, p.212), os termos usados para identificar o grupo racial, como “preto” e “negro”, trazem um tom pejorativo, sobretudo pelo processo histórico de humilhação e subordinação que fizeram cristalizar os estigmas associados à população negra ou afro-brasileira. Contudo, há controvérsias em particular sobre os dois termos, já que esses são utilizados, a depender do contexto, em sentido de valorização e reconhecimento da raça por entidades do movimento negro.

De acordo com a autora, os apelidos infantilizam e depreciam os jovens negros no ambiente escolar. Denotam a percepção de inferioridade de um grupo de negros em relação a aos brancos. Tal reflexão surge da perspectiva de professores, que reconhecem as camuflagens da discriminação, a recorrência a termos supostamente carinhosos: *nego*; *neguinho*; *crioulinho*; *pretinho*. Muitos alunos, professores e outros adultos da escola

observam que há entre os alunos uma relação em que as desigualdades raciais são evidenciadas por meio de apelidos que carregam uma conotação pejorativa. Reforça a autora:

O reconhecimento de que há racismo, e que esse se materializa em tipos de tratamentos e apelidos, convive com a minimização da gravidade do fato. Considerando-se como já se ressaltou aqui, *que são brincadeiras, coisas de meninos*, o que sugere que ainda que tal reconhecimento denote algum tipo de consciência social sobre a questão não necessariamente impulsiona ação, em particular uma ação educativa e institucional, para mudar, reverter tal situação ou sistematicamente advertir e reeducar. (ABRAMOVAY, 2006, p.212)

Para completar o quadro de discriminação na escola, os livros por sua parte possuem ainda um forte poder de exclusão, uma vez que muitos não abordam a presença dos negros na história da sociedade. Nas ilustrações os mesmos são excluídos e, quando aparecem, ocupam posição subalternas e menos favorecidas no quadro da realidade da sociedade. Sobre o livro didático podemos concordar com as palavras de Santos (2016, p. 14) quando coloca que:

Muitos livros didáticos tomam o branco como óbvio. Por exemplo: suas “contribuições” à formação do povo brasileiro não são listadas – como são as do índio e as do negro; os papéis do índio e do negro são situadas sempre no passado – como se tivesse evaporado na atualidade – e limitados a coisas supérfluas, pitorescas e negativas – como a credence atribuída à influencia indígena e o vatapá suposto como aporte africano. É essa a visão do que é o povo brasileiro que o professor costuma escampar. (SANTOS, 2016, p.14)

Um bom exemplo a ser citado é a abordagem da história da escravidão no Brasil que atravessa a escola e a sala de aula em vários momentos da vida escolar dos alunos. E o tratamento didático reforça imagens negativas tomando apenas o sofrimento do negro durante a sociedade escravocrata. Sendo assim, novos materiais didáticos precisam ser usados para que o negro não seja relatado apenas como escravo, aquele que não possuiu uma história de vida social, cultural, política, durante e depois da escravidão ou mesmo não participe de forma ativa como sujeito histórico na sociedade.

Na mesma pesquisa realizada, Abramovay e Castro (2006), percebem que, há uma negação da existência do racismo nas escolas por parte de alunos. Porém, quando se trata de perceber o racismo entre alunos, identificados como racistas pelos seus colegas, tenham eles declarado ou não publicamente tal posicionamento, eram interpelados sempre de forma depreciativa. É consenso entre eles que ser racista é um defeito da sua incapacidade em reconhecer as diferenças humanas. Mas, nas relações entre colegas, essa atitude parece ser um pouco diferente, percebendo-se orientações classificadas de racistas.

Outro fator importante que também deve ser colocado em questão é influência das mídias diretamente nas relações estabelecidas na escola com forte poder de reprodução dessas relações discriminatórias entre as crianças.

A mídia é influenciadora para a manutenção do preconceito através de novelas, comerciais e até propagandas maldosas relacionadas ao negro que muitas vezes notamos a ideia de inferioridade do negro. Geralmente as cenas de novelas tem o patrão (burguesia ou classe alta) representado pelo branco e os empregados representados pela cor negra. Os professores precisam estar capacitados para avaliarem essas particularidades da formas como o racismo se apresenta e se reproduz e assim tentar promover igualdade entre os alunos. (ALVES, 2012, p.11)

A mídia esta presente de forma intensa na vida das crianças e essas tendem a reproduzir mediante as relações em sala de aula, tudo que foi visto em casa ou na rua ou de qualquer tipo de propaganda que trata de inferiorizar o negro. De acordo com Gevanilda Santos (2009, p.21), as representações sobre as relações raciais (novelas, propagandas, programas humorísticos, reportagens policiais, vídeos, filmes e noticiários) está carregada de estereótipos e distorções acerca do lugar subalterno do negro. Tudo que é retratado pela mídia traz consigo conceitos e representação da população negra. A tendência é que os preconceitos reproduzidos pela mídia invadam o cenário educacional.

Quando se trata da educação, as oportunidades não são iguais para os negros e brancos, como afirma Silva e Silva (2017). No Brasil não existe uma democracia racial, pois levaram 115 anos para introduzir no ensino, estudos que coloquem o negro como parte construtiva da nacionalidade. Logo, a educação das crianças negras precisa ser ensinada de forma mais complexa nos vários contextos históricos, levando em conta práticas e conteúdos que levam ao fortalecimento de sua identidade desde a infância, principalmente, quando nos referimos às series iniciais de ensino fundamental, quando os alunos estão numa fase do processo de desenvolvimento de fundamental importância.

Entendemos que a educação é um dos caminhos para alcançar esse objetivo, pois através dela podemos aprender a respeitar as diferenças, colocar fim nas muitas ideologias discriminatórias da população negra. Para a concretização dessas ideias precisam ser estabelecidas uma série de medidas com o objetivos voltados para a inclusão, igualdade de direitos, reparações, políticas afirmativas e respeito às crianças negras nos espaços escolares como sujeitos históricos. Esta inclusão deve fortalecer a identidade das crianças negras, uma vez que precisam se sentir parte da sociedade e da sua formação histórica.

Nos anos de 1996 a adoção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC) inicia de forma controversa e limitada um tratamento específico por áreas somando às questões sociais

relevantes, reafirmando a necessidade de sua problematização e análise, incorporando-as como temas transversais. As questões sociais abordadas são ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Mesmo dentro das suas limitações, pautou-se pela primeira vez em nível curricular questões relacionadas às questões da diversidade cultural na escola brasileira. Logo a seguir, novas diretrizes curriculares começarão a ser discutidas.

Esse debate se combina com as muitas lutas travadas num cenário visível de desigualdades. A necessidade de políticas que possibilitasse o combate a toda discriminação que sofrem a população negra e políticas de reparação e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Assim, debate sobre as questões raciais chegam ao currículo com propostas de diretrizes curriculares para o ensino da história e da cultura da população afro-brasileira e africana.

Neste sentido, surge a Lei 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Busca cumprir o estabelecido nos Art. 26, 26 e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros. Em 2004 o Conselho Nacional de Educação (CNE) Instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tais Diretrizes estabelecem, entre outros objetivos que :

A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas [...] (RESOLUÇÃO Nº 1, Art. 3º, 2004)

Políticas públicas como esta podem possibilitar a abertura de um trabalho que vise combater as discriminações no meio escolar e procura fortalecer a identidade das crianças e jovens negros desde os primeiros anos de ensino, buscando reconhecimento da sua participação na formação da sociedade, motivando o respeito, igualdade racial, valorização da sua contribuição, conhecimentos relacionados à população negra brasileira e africana.

Dessa forma a escola deve exercer seu papel social e intervir diante o contexto das relações em combate ao racismo isso se dá através da ampliação dos currículos escolares para diversidade cultural. Os quais iram nortear todo debate através de varias ferramentas que

darão suporte para a escola e assim de fato venha a intervir na realidade de modo que supere todas as visões de senso comum que afetam os negros. Alves (2015, p.03) coloca que:

Com base na lei 10.639/03 as escolas são desafiadas a promoverem a educação étnico-raciais, implementando ações e práticas pedagógicas com vistas a superar as desigualdades, através do respeito às diversas culturas, e isto tem permitido o dialogo mais próximo e consistente entre academia e os sujeitos sociais, apontando conjuntamente caminhos para os graves problemas sociais.

Como é relatada acima pela autora, a escola enquanto instituição social deve proporcionar uma educação diversificada contemplado medidas que favoreça o combate as desigualdades, preconceitos e varias outras formas de discriminação. A luta diz respeito a todos que compõe a escola, principalmente os professores que independente de posicionamento étnico, devem buscar construir novas relações raciais na escola. De que forma essas diretrizes podem mudar o quadro das relações raciais nas escolas?

Pesquisas mostram uma realidade oposta ao que foi proposto pela Lei 10.639/03 nas escolas, mostrando a falta de aplicação da Lei e compromisso com a educação das relações étnico-raciais. E mais ainda com as questões curriculares que devem ser trabalhadas em sala de aula. Discutir o racismo não faz parte de projetos temáticos em 24% das escolas públicas do Brasil. Dados do questionário do Censo Escolar de 2015, aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com 52 mil diretores de escolas, mostram que em 12 mil delas não existem projetos com a temática do racismo (G1 EDUCAÇÃO, 2018).

As pesquisas mostram que foi criado recentemente um acordo entre os ministérios da Educação e dos Direitos Humanos as quais criaram uma iniciativa para garantir o cumprimento da Lei, que também incluiu a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena nas escolas. Entre as iniciativas está a identificação e promover boas práticas no ensino desses temas, além da capacitação dos professores e outros profissionais da educação, (G1 EDUCAÇÃO, 2018).

O diálogo sobre esses temas por parte do professor ajuda no sentido dessas crianças irem superando barreiras erguidas pelo racismo nos espaços escolares. A capacitação de professores(as) e outros profissionais é um bom começo, já que os estudos mostram a realidade atual do cenário educacional e a importância da Lei 10.639/03 para superação dos problemas de racismo na sociedade. Por isso, “Trata-se não só da inclusão da Educação das relações étnico-raciais nos conteúdos programáticos dos estabelecimentos de ensino; mas de mudar o olhar e os sentidos atribuídos esses conteúdos e à diferença étnico-racial”. (SILVA e SILVA, 2017, p.09).

O sistema educacional de certa forma passa a ser um dos meios de produção e reprodução do racismo, uma vez que através dela também se evidenciam as relações de desigualdade entre os sujeitos. O racismo se faz presente de forma clara e fortemente vinculado a todas as vivências nos espaços escolares, isso faz com que seja, naturalizado, muitas vezes ocultado. Através das relações na escola toda e qualquer manifestação seja ela positiva ou negativa é em boa parte interiorizada pelas crianças e tende a se manifestar novamente através de seus comportamentos. Em meio às tensões e negações a própria realidade acaba adotando outro caráter para as relações e trazendo novos conflitos que quando negados vão se manifestam de forma ampla, já não podendo ser tratadas facilmente. Essas tensões dão início a fortes problemas desde a infância, assim, desde os primeiros anos das crianças, a escola é o principal meio de manifestação e assim as crianças são fortemente afetadas.

Em síntese essas relações não são trabalhadas em prol de um convívio que viesse a se caracterizar como saudável e tendem a se acentuar através de várias formas, tanto no que diz respeito ao contato dos alunos uns com os outros em qualquer espaço da escola, como através dos conteúdos repassados em sala de aula e através até mesmo de atitudes da equipe que compõe a escola como um todo, em especial os (as) professores (as), os quais estabelecem uma maior parte do contato com os alunos que participam de todo processo de ensino e aprendizagem.

Todavia, no que dizem respeito à situação das crianças na escola, pesquisas mostram que o número de permanência nas escolas de crianças negras se mostra menor em relação aos brancos. A média de anos de estudo da população negra é de 6,7 anos, contra 8,4 da branca. Segundo dados da Relatoria Nacional do Direito Humano à Educação, enquanto 70% das crianças brancas conseguem concluir o Ensino Fundamental, somente 30% das negras chegam ao final dessa etapa (G1, Educação, 2018).

Na Educação Infantil, os dados são significativos e mostram que a diferença entre o atendimento de creche às crianças brancas e pardas é 7,6 pontos percentuais; e fica em 4,3 pontos percentuais entre brancas e pretas na Pré-escola. Na faixa de 6 a 14 anos, do percentual de jovens que concluem a etapa até, no máximo 16 anos, a taxa é de 82,6% na população declarada branca e de 66,4% e 67,8% entre pardos e pretos. Uma diferença que chega a 16,2% pontos percentuais. Sob todos os aspectos, a trajetória histórica e atual das oportunidades, do acesso e da participação dos negros na sociedade, na economia e na Educação é a mais expressiva realização da marginalização e da desigualdade, cujo resultado promove brutal

exclusão e processos discriminatórios. Os dados e as conclusões são de levantamento divulgado pela organização não governamental Todos Pela Educação, feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Percebemos, que a igualdade diante a educação é um fator desproporcional desde as series iniciais. De acordo com o Art. 32 da LDB (2017) “O ensino fundamental é obrigatório”. Más, boa parte das crianças ainda não tem acesso a esse ensino, e as crianças negras encontram-se em parte excluídas antes mesmo de concluírem essa etapa de ensino. “Pesquisas têm constatado que crianças e jovens negros e pobres encontram-se excluídas do sistema educacional não só porque são pobres, mas, sobretudo, porque são negros” (SILVA, 2017, p.48).

A desigualdade de ensino das crianças negras tende sempre a ser maior em relação às crianças brancas. Como é mostrado, desde o Ensino Fundamental, o número cai de forma significativa, às crianças negras são as que apresentam ter menores oportunidades quando nos direcionamos as questões educacionais. As mesmas apresentam em menores números nas escolas e tendem a chegar ao Ensino Médio e Superior em números ainda menores visto que as oportunidades não são as mesmas. As desigualdades sociais são reforçadas na educação. A taxa de analfabetismo é 11,2% entre os pretos; 11,1% entre os pardos; e, 5% entre os brancos.

Visto que, o papel da educação é mais amplo e complexo do que podemos imaginar, não podendo deixar de colocar essas questões em pauta mediante o ensino e aprendizagem das crianças. Eis a tarefa de atualização dos membros que fazem parte da escola, bem como da sala de aula. Todos os acontecimentos recentes que envolvam as relações do negro sejam eles positivos e negativos devem estar presentes em sala como temas de reflexão que devem ser contextualizados, desmistificados, compreendidos para que os alunos cheguemos a conclusão do que é o racismo e como esse se configura na atualidade.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Pesquisar sobre relações raciais no espaço escolar não é algo simples. Para a realização de um trabalho que aborde tais questões é preciso toda uma organização e exige principalmente conhecimento prévio sobre o meio em que se fará a pesquisa. Nesse segundo momento do trabalho, após expormos nosso referencial teórico, faremos uma apresentação do caminho percorrido na realização da pesquisa, desde a escolha do tema, universo da pesquisa, sujeitos participantes, métodos e técnicas usadas para a realização e operacionalização do trabalho.

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO, UNIVERSO E COLABORADORES DA PESQUISA.

O tema da pesquisa foi fruto de experiências e inquietações relacionadas a preconceitos, mediante a observação das relações raciais com o meio escolar e social do Bairro em que está localizada a escola. Surge durante as pesquisas de estágio supervisionado da graduação, o que instigou o interesse pela pesquisa sobre a temática, querendo conhecer, compreender e ter a capacidade de debater sobre o tema, tanto em sala de aula, como fora, construindo e organizando conhecimentos para estudos futuros, acreditando que as informações contidas na pesquisa sejam importantes para a reflexão sobre o tema, visto que a temática sobre as relações raciais é de grande importância no atual contexto histórico.

O estudo se realizou nos espaços da Escola Municipal Berimbau, na cidade de Picos-PI. A escola dispõe do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos – EJA. A mesma possui um espaço amplo, dispondo de 32 salas de aula, sala para professores, sala para diretora, sala para xérox, sala para psicopedagoga da escola, sala para exibição de filmes e realizar outras atividades educacionais, quadra, jardim, cantina. A escola atende boa parte do público do Bairro Exposição e de alguns bairros vizinhos, tendo como corpo discente crianças e jovens da classe trabalhadora e de setores populares.

O bairro em que se encontra localizada a escola é considerado um dos mais carentes da cidade de Picos, com alto índices de criminalidade, onde aparentemente e pelas situações vistas, existe uma grande maioria de um público com baixa escolaridade. O bairro sofre com falta de infraestrutura. Os problemas são ocasionados pela ausência de saneamento básico e acessibilidade. Somente 42% da cidade de Picos tem esgotamento sanitário conforme dados do IBGE de 2007. No bairro, a situação do saneamento é dramática. Conforme o censo de

2010, a população masculina representa 1.518 habitantes e a população feminina, 1.730 habitantes. Existem mais mulheres do que homens. Sendo uma população composta de 53.26% de mulheres e 46.74% de homens.

Os sujeitos da pesquisa são as crianças negras do Centro Educacional Berimbau que estudam do 1º ao 3º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental. A maioria delas mora no bairro em que se localiza a escola. A escolha dos sujeitos se deu pelo interesse de observar e compreender as relações raciais entre as crianças nas series iniciais do Ensino Fundamental.

É extremamente importante levar em consideração que esses sujeitos são seres com sentimentos, com particularidades que devem ser repetidos em todas as circunstâncias possíveis. Os mesmos foram os participantes pesquisados que forneceram os dados mediante observação e percepção dos professores sobre suas relações estabelecidas no espaço escolar, tanto individualmente como em coletividade, desde o ambiente de sala de aula, até as brincadeiras nos espaços da escola como um todo.

A história relatada sobre a escola foi um dos motivos que muito instigou a pesquisa no referido local. Lutas para ir contra a violência do bairro, que se manifestam desde cedo na vida das crianças, o que de certa forma tende a dificultar o ensino e aprendizado uma vez que o meio interfere de forma negativa com cenas de violência e outras que devem ser contextualizadas pela escola, para que possam fazer os enfrentamentos das questões. Em teoria a tendência de desigualdades social e racial da cidade tende a se manifestar com força nesse local, uma vez que a escola aparece muitas vezes vulnerável meio as lutas travadas contra outros tipos de violência.

Adotamos como método de pesquisa o materialismo histórico dialético. Como o racismo é fruto das relações construídas desde o passado, a abordagem traz possibilidades para que tenhamos uma visão crítica da realidade onde as relações do racismo que se criam de forma desigual na sociedade atual e em especial nas relações desenvolvidas nos espaços escolares.

O materialismo dialético é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. Por um lado, o materialismo dialético tem uma longa tradição na filosofia materialista e, por outro, que é também antiga concepção na evolução das ideias, baseia-se numa interpretação dialética do mundo (TRIVIÑOS, 1987, p. 51).

Tentamos desenvolver dois aspectos importantes do marxismo para refletir sobre nosso objeto de investigação. O primeiro foi o caráter histórico dos fenômenos sociais, no qual recorreremos à uma história crítica do racismo na sociedade brasileira. Procuramos com

isso compreender como nasceu o racismo na sociedade brasileira e as formas ideológicas que este assume ao longo da história. O segundo aspecto é o aspecto da contradição social como parte da constituição do fenômeno do racismo na sociedade e na educação brasileira.

A questão racial com isso vive em constantes transformações de acordo com as situações em que se configuram a realidade. As contradições e negações podem revelar diversas outras realidades. Sobre essa dialética da questão racial, Ianni declara que:

Esta é a dialética das relações sociais, nas quais se inserem as relações raciais: o indivíduo, tomado no singular ou coletivamente, forma-se, conforma-se e transforma-se na trama das relações sociais, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais. São várias, mutáveis e contraditórias as determinações que constituem o indivíduo, no singular e coletivamente, o que pode transformá-lo e transformá-los; daí constituindo-se o “negro”, o “branco”, o “árabe”, o “judeu”, o “hindu”, o “mexicano”, o “paraguaio”, o “senegalês”, o “angolano”, tanto como o “operário”, o “camponês”, o “latifundiário”, o “burguês”; tanto como a “mulher”, o “homem”; todos e cada um visto como criados e recriados, modificados e transfigurados na trama das relações sociais das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais; envolvendo sempre processos socioculturais e político-econômicos, desdobrando-se em teorias, doutrinas e ideologias. Assim se dá a metamorfose do indivíduo “em geral”, indeterminado, em indivíduo “em particular”, determinado, concretizado por várias, distintas e contraditórias determinações (IANNI, 2014, p. 27).

A realidade está em constante transformação e os indivíduos são parte integrante desses processos. Assim, ocorre a transmutação do racismo, trazendo a cada momento, novos indícios dessas práticas em meio às relações estabelecidas, onde as mesmas se modificam no jogo dos conflitos sociais e das resistências políticas e culturais. Em síntese, a dialética nos possibilitar compreender a dinâmica do racismo na sociedade de classes, tendo também sua expressão na escola, onde se recria ou se fortalece, se naturaliza como prática social, manifesta através de atitudes apresentadas pelas crianças de forma direta e indireta.

## 2.2 INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS

Considerando os objetivos a serem alcançados, as técnicas utilizadas para coletar os dados foram: observação e entrevistas. Todos utilizados para obter as informações necessárias para compreender a realidade das relações raciais das crianças na escola. Sobre a observação Menga Lüdke diz que:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens (LÜDKE,1986, p.26).

Dessa forma, a observação enquanto método qualitativo de investigação trouxe para a pesquisa inúmeras informações que foram notadas de perto em diferentes ocasiões e de diversas formas, se mostrando assim, bem ampla e detalhada. “A observação é a base de toda investigação no campo social, podendo ser utilizada em trabalho científico de qualquer nível, desde os mais simples estágios até os mais avançados.” (RICHARDSON, 2017, p. 259). Com isso, para obtermos um maior contato com a realidade das relações das crianças no espaço escolar, a observação nos possibilitou contato direto com o espaço das relações.

Realizar anotações a partir do quinto dia de visita à escola, com o propósito de nos inserirmos primeiramente nos espaços da escola, para que no momento das observações as crianças não se distraírem e mudassem de comportamento com uma presença desconhecida, e assim, as manifestações presenciadas ocorressem de forma natural, comum à rotina diária das relações na escola. As observações aconteceram entre os dias 28/08/2018 até o dia 30/10/2018, entre essas datas foi possível realizar 17 dias de encontro na escola sendo quatro horas diárias no local. Procurou-se observar todo o movimento das relações raciais das crianças negras uma com as outras, com as crianças brancas e com todos sujeitos que compõe a escola, em todos os seus espaços.

O tipo de observação utilizada foi a observação não participante que segundo Richardson (2017) é uma observação em que o investigador atua de forma atenta, baseando-se nos objetivos da pesquisa, procurando ver e registrar o máximo de ocorrências que interessa ao trabalho.

Cada observador tem seu estilo próprio de organizar seu trabalho desde suas anotações em outras palavras. A decisão sobre o tipo de material onde serão feitas as anotações também vai depender muito do estilo pessoal de cada observador. Sobre o material utilizado para fazer as anotações da observação Lüdke (1986, p.26) ainda coloca que:

Alguns podem preferir um papel de tamanho pequeno, para não chamar muito a atenção; outros se sentirão muito mais à vontade usando fichários ou folhas avulsas para facilitar o arquivamento e a posterior classificação. Outros poderão adotar um tipo de material que mantenha junto todo o conjunto de observações, para fazer consultas às informações já obtidas sempre que necessário.

Os dados colhidos foram estruturados de forma sistêmica, baseada na sugestão de Richardson (2017), ou seja, essa forma sugere uma estrutura determinada onde serão anotados os fatos ocorridos. Usou-se do caderno de campo para organizar as informações dos dias observados, contendo data, hora e duração. Foi possível através do mesmo registrar boa parte das informações e dos dados de acordo com os objetivos da pesquisa. De certo modo, todo o contato olho a olho durante a observação foi importante para verificar como manifesta-se no cotidiano escolar das crianças.

Outra técnica de coleta de dados utilizada foi à entrevista. Esta é uma das principais técnicas de trabalho utilizada em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais, segundo Lüdke, (1986). Para realização das mesmas, primeiramente foi planejado e organizado um questionário contendo oito perguntas vinculados aos objetivos geral e objetivos específicos da pesquisa para apurar as informações mais importantes. Tendo como participantes 06 professores (as) do 1ºano ao 3º ano do primeiro Ciclo do Ensino Fundamental do Instituto Berimbau. O grupo de professores(as) formado por licenciados em pedagogia, letras português e história. Alguns apresentam especialização na área da psicopedagogia e em gestão.

Entrevistar faz com que o pesquisador mantenha um contato mais direto com os sujeitos. “A melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem caráter, inquestionável de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos”. (RICHARDSON, 2017, p. 207).

Utilizou-se a entrevista estruturada que segundo Richardson(2017) é uma entrevista construída com perguntas e respostas pré-formuladas”. As entrevistas foram realizadas em três dias, de acordo com a disponibilidade dos professores entrevistados, para isso, utilizamos um roteiro. As entrevistas foram realizadas com a ajuda de um smart-fone para gravar os depoimentos dos entrevistados. A duração das mesmas foi em torno de no mínimo 5 a 11 minutos.

No que antecede o momento de realização das entrevistas, varias dificuldades foram encontradas, sendo que desde o primeiro momento de apresentação da pesquisa na escola todos concordaram em participar da pesquisa. No momento da entrevista, varias limitações foram colocadas pelos professores, no que diz respeito ao tema, um dos fatos que mais trouxe incomodo para maioria dos sujeitos, chegando até mesmo a negarem a participação.

O fato das entrevistas serem gravadas foi outro motivo de negar participação. Alguns chegaram a adiar as entrevistas para um próximo dia, talvez tenha sido até mesmo uma estratégia para pesquisarem sobre o tema. Os sujeitos entrevistados chegaram até mesmo a propor um questionário com perguntas abertas para responderem em suas casas.

Depois de muitas tentativas e muitas conversas foi possível realização das entrevistas. A falta de formação sobre tema nesse caso se fez presente, chegando a interferir, deixando visível a dificuldade em que as pessoas têm de dialogar sobre temas que envolvam racismo. Talvez esse fato explique o comportamento dos sujeitos de negação na participação das entrevistas. Por isso, optamos ao longo da análise das entrevistas não utilizarmos os nomes dos professores que serão classificados com códigos.

### 2.3. ANÁLISE DE CONTEÚDO E PESQUISA QUALITATIVA

A análise de conteúdo é um método utilizado na análise de dados qualitativos, compreendida como sendo um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou sentidos de um documento (CAMPOS, 2004). Utiliza procedimentos semânticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, envolvendo figuras de linguagem, reticência, entrelinhas e conteúdos manifestos. A semântica ganha importância para o desenvolvimento do método. Seu desafio é visualizar aquilo que não está aparente na mensagens. “Se constitui num conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.” (BARDIN, 1977, p.15).

Quando tratamos das ciências sociais é preciso usar uma técnica que conduza a analisar dados coletados com clareza. Na discussão de alguns temas, como o aqui mencionado (racismo), pode ser que boa parte dos participantes das entrevistas tenham certa dificuldade ao se expressarem sobre o tema. Dessa forma, muitas respostas podem ser ocultadas, outras podem vir acompanhadas de termos que podem assumir diversos significados ou ainda, podem dificultam o entendimento das respostas esperadas por sua complexidade. Sobre isso, podemos nos apoiar as palavras:

Por outro lado, o método de análise de conteúdo, em alguns casos, pode servir de auxiliar para instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético. (TRIVIÑOS, 1987, p.60)

Assim, a análise de conteúdo ajudou no esclarecimento dessas questões demonstrando como podemos encontrar o sentido nos termos que ficam ocultados nas comunicações dos sujeitos, procurando traduzir a linguagem e a comunicação desses conteúdos presentes como unidades de análise. Muitas vezes, nem tudo fica esclarecido no discurso, precisando assim, ser interpretado para que então possamos entender de fato o que realmente a mensagem quis transmitir. Sobre isso, Campos (2004, p. 613) coloca:

Muitas vezes ouvimos dizer que nem sempre aquilo que está escrito é o que verdadeiramente o locutor queria dizer, ou mesmo, que existe uma mensagem nas entrelinhas que não está muito clara, pois bem, chegamos a encruzilhada, onde nem sempre significados são expressos com clareza absoluta, ou onde acaba a subjetividade e começa o simbólico.

Antes de tudo é preciso uma boa leitura das informações coletadas, um contato mais próximo com o referencial teórico e algumas categorias, para melhor fazermos a seleção do que realmente abrange os objetivos do trabalho. Cada entrevista possui um conteúdo onde é importante ser analisado e interpretado. A princípio procuramos pequenos vestígios que trouxeram novas informações sobre o tema. De certo modo:

O processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações. (TRIVIÑOS, 1987, p. 137)

Dessa forma, durante a aplicação da técnica nas entrevistas transcritas foi possível encontrar o sentido nos discursos, passando a compreender o que as falas dos entrevistados escondiam por trás dos termos implícitos, que podem ser interpretados de diversas formas dependendo da abordagem do trabalho. De certa forma, o [...] “conteúdo da comunicação, não obstante a fala humana, e tão rica e apresenta uma visão polissêmica e valiosa, que permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações”. (CAMPOS, 2004 p. 612).

Cada locutor tende a ter uma interpretação distinta. As opiniões são sempre diferentes uma das outras. Com isso, para aplicar a uso da técnica de forma eficaz, elaboramos as fichas de análises que procuravam destacar as unidades de análise, elementos com relevância explícita retirados das entrevistas e observações. Na mesma ficha, fizemos as categorizações apriorísticas, buscando nas teorias, sustentação para as questões de relevância. Após o levantamento das unidades de análise e categorização, realizamos as aferições.

É importante também lembrar que o pesquisador pode utilizar conhecimentos próprios já adquiridos para realização da análise dos dados que o mesmo manteve todo tempo, assim como o contato com os sujeitos da pesquisa. Logo, não é um ser neutro na pesquisa, possui suas teorias e impressões sobre o tema pesquisado e tem suas opiniões formuladas. Assim, em todo momento buscou-se base em informações já adquiridas sobre o tema, sem deixar de seguir os passos do método para melhor chegar às informações que responderam aos objetivos do trabalho.

### **3 OS SENTIDOS DAS RELAÇÕES RACIAIS NOS ESPAÇOS DA ESCOLA MUNICIPAL BERIMBAU NA CIDADE PICOS.**

O primeiro momento do processo da análise foi uma leitura geral do material coletado tentando apreender de uma forma global as ideias principais e seus significados gerais. Em seguida procedemos a uma leitura mais detalhada, selecionamos trechos e termos das observações e das entrevistas realizadas com os professoras da escola, destacando o que mais se relacionavam ao problema e aos objetivos da pesquisa. Surgiram assim as unidades de significados com os quais elaboramos um quadro de análise de cada professora.

Depois agrupamos as respostas às perguntas comuns das professoras em quadros únicos destacando as unidades de significados temáticas. Estas foram caracterizadas por frase da seguinte forma: a) “sentimento de rejeição”, b) “mal estar da convivência”, c) “limites de interação das crianças”, d) “violência racial”, e) “revide à rejeição” e f) “formação insuficiente”. No sentido geral, estes conceitos emergiram da identificação dos aspectos relacionados às relações raciais entre crianças nos espaços da escola pesquisada.

Com isso, buscamos responder como se dão as relações raciais entre crianças no cotidiano nos espaços da Escola Municipal Berimbau. A hipótese indica que a discriminação de crianças se faz presente nos espaços da escola, onde se identificou práticas de racismo sofrido pelas crianças por parte de outras crianças. Por isso, a forma diferente de interação das crianças negras promove dificuldades de sentir-se parte da escola, dos seus espaços e, muitas vezes, prejudica seu desempenho em sala e sua relação com as outras crianças. Essas marcas se expressam na trajetória diferenciada na escola. Afinal, qual mesmo o sentido das relações raciais que encontramos na Escola Municipal Berimbau?

Devemos considerar que os sujeitos aqui mencionados são seres de direitos, que devem ser respeitados em sua singularidade enquanto seres em constante transformação. Saber se posicionar mediante as muitas situações de discriminação que são presenciadas e vivências em meio a sociedade e a escola em que vivem é um desafio. Nos três tópicos a seguir trataremos dos sentidos que encontramos nas relações raciais nos espaços da escola pesquisada.

#### **3.1 SENTIMENTO DE REJEIÇÃO, MAL ESTAR DA CONVIVÊNCIA E LIMITES DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS.**

Na escola a socialização se intensifica sendo também o local onde a criança terá um contato com um número maior de crianças, ambas com características comuns ou distintas umas das outras. Tudo que é levado como bagagem cultural para o ambiente é compartilhado e se manifesta em meio as relações estabelecidas nos espaços da escola. A escola reflete a sociedade e todas as suas relações, sendo também produtora e reprodutores dessas relações.

“[...] No Brasil, ainda que de forma “disfarçada”, o racismo manifesta-se nas relações sociais” (ABRAMOVAY, 2006, p.338). O racismo enquanto fenômeno social apresenta-se como problema em meio às relações estabelecidas também na escola. Percebemos as relações raciais na escola para além das aparências. Partimos do pressuposto geral de que a escola funciona como reprodutora dos interesses das classes privilegiadas da sociedade capitalista, dos grupos dominantes, restando aos filhos da classe trabalhadora se adaptar às suas formas de socialização que por sua vez promovem a seleção social dos alunos. O racismo funciona como um dos mecanismos dessa sociedade para manter a divisão social, pois tem caráter de exclusão e dominação de um grupo historicamente privilegiado sobre o outro historicamente excluído.

As informações encontradas nos espaços da Escola Municipal Berimbau demonstram que o racismo encontra eco no interior da escola. Foi esta a constatação principal. Algumas crianças negras foram observadas constantemente fora de suas atividades de sala de aula. Coincidentemente, vários destes foram também sutilmente expulsos da escola por apresentarem posturas não condizentes com o regimento escolar. Não existe qualquer incentivo para permanecerem nas atividades de sala de aula. Por conta disso, ocorre uma divisão das crianças entre as que querem e as que não querem estudar. Isso significa um distanciamento entre crianças.

As manifestações do racismo se mostram presentes nos espaços da escola de forma que muitas vezes não conseguimos percebê-las. Dessa forma, algumas crianças interiorizam um sentimento de abandono e tendem a permanecer caladas, reprimidas e tímidas, apresentando medo de interagir com outras crianças, tudo isso se mostra presente, principalmente, porque algumas crianças negras chamam atenção por permanecerem boa parte do tempo sozinhas, isoladas do processo, discriminadas das demais crianças.

O silêncio da criança diante dos outros demonstra a sua fragilidade diante de situações tão humilhante imposta pelo amigo. Sinaliza o quanto ela não domina o seu direito de defesa. E expressa, também a sua falta de confiança nos adultos à sua volta para resolverem o problema, visto que não foram procurados para defendê-lo. (CAVALLEIRO, 1998 p. 120).

As crianças passam a se sentir rejeitadas nas relações pedagógicas e tudo que sofrem na escola afeta diretamente no seu psicológico. As mesmas criam meios para evitar novos conflitos e acabam se auto excluindo cada vez mais do meio que estão inseridas. Afastar-se configura-se como uma resposta imediata aos preconceitos e discriminação que vivencia. Porém, dessa forma os danos psicológicos passam a se manifestarem em proporções maiores, onde a criança pode desenvolver dificuldades nas relações estabelecidas durante todo processo de ensino e aprendizagem. Assim, sua trajetória escolar, ou seja, toda a sua vida escolar carregará as marcas desse processo de exclusão.

Nas atividades, as crianças acabam não se desenvolvendo como deveriam, durante as atividades de leitura compartilhada em sala, por exemplo, as crianças negras se recusam participar, como podemos ver na fala do (PROFESSOR B) “[...] Nas atividades, ele consegue fazer bem mais melhor, mais por se sentir um pouco reprimido ele acaba não desenvolvendo como deveria”. A existência de um mal estar criado durante a convivência das crianças com a escola vai tomando rumos que pode gerar consequências futuras em que as barreiras criadas impedem que a criança negra se desenvolva nas mesmas condições dos demais alunos. Isso dialoga diretamente com as colocações de Abramovay (2006) que percebe, que de certo modo, o preconceito e discriminação raciais provocam fracasso pessoal.

“É bem clara (discriminatório) a questão do negro na escola, de ficar mais de lado, de não ser visto, de não receber elogios” (PROFESSOR A). Esse relato dentre outros evidencia a exclusão das crianças negras nos espaços da escola. Os professores percebem que alunos ficam com falta de atenção, mais muitas vezes não sabem identificar a causa desse comportamento. O racismo se camufla, onde o professor também passa a excluir involuntariamente as crianças negras reproduzindo preconceitos em meio a suas praticas pedagógicas por não perceberem o sentido dessas relações.

Ainda em algumas situações as crianças brancas chegam a não querer sentar perto do outro quando a criança é negra porque era mais “sujinho” (expressão de inferioridade das crianças mais pobres e negras no discurso da professora) e ainda, por ser mais pobre. O racismo se potencializa com as condições sociais de pobreza mais visível entre umas crianças do que sobre a outras.

O bairro como caracterizamos é de periferia da cidade de Picos - PI, onde mora a maioria das crianças. Pobreza e racismo são duas injustiças que andam juntas em nossa sociedade. De acordo com Silva, “As pesquisas tem constatado que crianças e jovens negros e pobres encontram-se excluídos do sistema educacional não só porque são pobres, mas,

sobretudo, porque são negros.” (SILVA, 2017, p. 48). Isso se justifica porque, boa parte das crianças da escola pertence à mesma classe social, sendo que somente as crianças negras são as que aparecem mais excluídas, tratadas de forma inferior as brancas.

O racismo vai tomando conta de todo cenário das relações raciais nos espaços da escola. Nas salas, notou-se através de observações que as crianças negras costumam sentar mais de lado, no fundo, interagindo entre si mesmas, tudo isso se multiplica em outros espaços escolares. Tudo começa com a limitação da interação na sala, e se estendem até mesmo durante as brincadeiras. Isso demonstra que o espaço da sala de também é dividido pela cor da pele das crianças, o fenótipo apresenta-se como principal característica de rejeição em que as crianças negras são submetidas.

Existem também, outros fatores que mostram como se dão as relações das crianças negras na escola. O uso da expressão “negrinho (a)”, também por parte dos adultos (professores e funcionários), às vezes se torna tão naturalizado que estes nem percebem, mas que reproduzem. “A naturalização da discriminação racial pode ser percebida em alguns discursos que tendem a diminuir a importância de tais ocorrências no ambiente escolar” (ABRAMOVAY, 2005, p.217). Todas as expressões usadas para atingir as crianças não deixam de se configurar enquanto racismo. Se o professor usa termos estereotipados para com as crianças negras, e não percebe a gravidade dessa prática, isso evidencia a ocorrência de que o mesmo pode ter usado o termo outras vezes e porque não dizer até mesmo de outros termos.

Os professores além de naturalizar os conflitos, reproduzem com o uso e termos pejorativos voltados para as crianças negras de forma que as crianças brancas passam a aprender com os professores esses comportamentos, o racismo vai se configurando meio as relações e a criança negra é, sobretudo, atingida na escola. Podemos ainda perceber que a rejeição não se dá apenas em sala, até mesmo durante as refeições alguns comportamentos mostram tratamento diferenciado com as crianças negras, vejamos a fala do (PROFESSOR B) “Já briguei com funcionários que quando entra um aluno branco da o pratinho na mão, mais quando é o negro, joga o prato. E eu reclamei na hora.” Esse tratamento é percebido pelas crianças negras, essas manifestações crescem dia após dia até que a criança percebe o tratamento recebido é diferente do que a criança branca recebe e passa a se afastar. Talvez isso justifique porque algumas crianças negras não participam do lanche independentemente do que seja o cardápio, isso foi perceptível através das observações.

O controle dos espaços da escola a partir dessas relações de discriminação demonstra para as crianças negras que seu lugar não é ali, o espaço cria impedimentos, limita a interação e

o acesso à criança negra com as partes integrante da escola, restringe o seu livre arbítrio de ir e vir impondo em muitas das crianças negras o silêncio. Apreendemos sentimento de mal estar por parte das crianças negras naquele ambiente, pois são rejeitadas pela sua raça, pela sua cor, pelo seu cabelo, pelas suas características genéticas e pelas suas condições socioeconômicas.

A interação é fundamental para o desenvolvimento das crianças, a própria escola é estruturada sob esse entendimento. Contudo, o que percebemos no cotidiano desses espaços é uma relação de muito conflito, onde a interação que acontece é marcada de contradições. As crianças negras, não chegam a interagir naturalmente com as brancas, essas excluem as crianças negras por meio de mecanismos que criam limitações através de comportamentos excludentes. E os professores, na ausência de formação adequada, naturalizam muitas vezes essas situações:

O silêncio permanente nos professores a respeito das diferenças étnicas no espaço escolar, somando ao silêncio das crianças negras, parece conferir as crianças brancas o direito de repetir seus comportamentos, pois elas não são criticadas ou denunciadas, podendo utilizar essa estratégia como trufo em qualquer situação de conflito. (CAVALLEIRO 1998, p.110-111)

Os conflitos tendem a intensificar-se cada vez mais, uma vez que o comportamento assumido pelas crianças brancas é naturalizado, criando um ciclo vicioso e reprodutor de diferenças onde a interação que ocorre entre ambos acaba sendo negativa e não contribui para o desenvolvimento das mesmas, pois ao mesmo tempo em que as crianças negras se sentem rejeitadas, as brancas sentem-se melhores e superiores que as outras, o que na verdade não poderia acontecer, pois, cedo ou tarde isso prejudicaria a vida dos mesmos. Também na escola as crianças desenvolverem pensamentos e atitudes que fazem umas se sentirem superiores às outras, como é mencionado pelo PROFESSOR B:

Já tive alunos que não queriam sentar perto um do outro porque o outro era negro [...] Já aconteceu de mães dizerem pra eu não deixar o seu filho sentar perto de outro e a gente percebe que é com preconceito mais ela diz que é porque ele conversa muito, tem medo deles brigar mais percebemos que é por que o outro aluno é negro.

Percebemos que a família também influencia de forma negativa meio as relações das crianças. No momento em que afastam seus filhos brancos somente das crianças negras estão inculcando na cabeça dessas crianças valor de superioridade de forma que, as crianças brancas vão pouco a pouco se sentindo melhor por serem as mais elogiadas, serem tratadas melhor e ainda porque a família ensina-os a excluir as crianças negras de suas relações, as atitudes da família fazem com que as crianças pensem que são superiores. É diante dessas condições que

as crianças negras se priva, criam medo impedindo que as mesmas se desenvolvam passando até mesmo a não se sentir bem na escola, e não querer frequentar a escola.

O racismo nega à escola as crianças negras. É nesse sentido que a diferença racial deve ser trabalhada na escola, fazer o enfrentamento dessas questões é pertinente mediante as situações presenciadas no local, pois, nas palavras de Munanga “A escola é capaz de oferecer tanto os jovens e adultos a possibilidade de desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade.” (MUNANGA, 2005, p.17).

### 3.2 VIOLÊNCIA RACIAL E REVIDE À REJEIÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NEGRAS.

Nos espaços é possível ainda presenciar a questão do bullying que nas palavras do (PROFESSOR A) “Tende mais para as crianças negras” através de apelidos, xingamentos, palavrões. Sobre a bullying, Silva (2010) diz que o termo “pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel proposital e sistemático inerente às relações interpessoais” (p.22). O mesmo acaba gerando violência e acaba se caracterizando como forma de interação que as crianças negras e brancas estabelecem. Através de agressões a interação é negativa e ofensiva.

Alguns desses grupos de alunos que sofrem com essas práticas são geralmente os que passam uma boa parte do tempo nos corredores ou em outros espaços isolados da escola (pátio sem recreação). Como revide, determinados grupos agredidos, articulam situações de revides, uns com os outros. Pode ser inclusive cantando músicas que insinuam os muitos tipos de violência como percebemos nas observações. Os corredores escolares podem funcionar como espaços de exclusão, operando em favor de situações de racismo. Um espaço quem vai se estabelecido como lugar das crianças que não acompanham o ritmo da escola. Sem nenhum impedimento, a escola e os professores ignoram esses alunos, deixando-os fora, nem nas salas de aulas nem nos pátios onde convencionalmente ocorre a recreação, mas nos corredores. Assim, percebemos a configuração desses espaços como zonas de exclusão das crianças da escola.

As crianças negras na escola costumam ainda serem responsáveis por tudo de estranho que acontece nos espaços escolares, chegando a recair sempre para eles tudo de errado. Como é mostrado na fala do PROFESSOR A: “Alguns são acusados porque são os negros da sala”. Nessas ocasiões são usadas expressões do tipo: “foi ele que pegou”, “esse negro sem vergonha”. Outros são chamados de “macaco”, “carvão”, “negro sujo”. É preocupante a

forma como as crianças negras são mencionadas no cotidiano das crianças que convivem na escola. A forma como são tratadas na escola faz que as mesmas sintam a escola como ambiente desproporcional à sua presença, as crianças não se encontram nesses espaços. (CAVALLEIRO 1998)

De certo modo, “O tratamento que os alunos negros recebem nas escolas exerce influencia na concepção que fazem de si mesmos, sendo que o desempenho escolar está diretamente associado a essa concepção, por muitas vezes inferiorizada” (ABRAMOVAY, 2006, p. 342). Esse tratamento recebido é um problema, os julgamentos escondem ideologias apresentando tentativas de criação de uma identidade para as crianças negras que eram retratadas no passado, inferiorizadas, onde se quer podiam frequentar o mesmo espaço que as crianças brancas, por serem consideradas inferiores.

Boa parte das crianças negras que sofrem com xingamentos, agressões, quando não ficam caladas, reproduzem todos os xingamentos como formas de reação ao racismo que sofrem, devolvendo-os na mesma intensidade contra quem os agride como é dito na fala do PROFESSOR A: alguns “Ficam no seu canto [...] outros reagem de forma mais agressiva, devolvendo, xingando”. Isso também se faz presente na fala do PROFESSOR F, o qual relata formas com que as crianças reagem frente ao racismo “Batendo uns nos outros [...] xingam muito”. Essa forma de revidar acaba gerando mais ainda violência entre as crianças, pois os mesmos passam a se agredir mutuamente, criando até mesmo sentimento de raiva entre os mesmos nesse caso. Os revides acabam se transformando em cenas de violência, que são atribuídas as crianças que vivem por fora das normas.

O momento que foi possível presenciar de certa forma uma possível interação, se assim podemos chamar, entre as crianças brancas e negras foi através de momentos que as crianças denominam de “brincadeiras”, onde grupos de crianças brancas de aproximadamente 06 crianças se juntavam para bater, empurrar um grupo de 03 crianças negras. As crianças negras aparecendo sempre como minoria, onde sempre estavam no chão durante as “brincadeiras”, muitas dessas em uma das vezes chegou a se machucar, ficando no local depois do intervalo, todas as crianças se retiraram do local e a mesma permaneceu por um bom tempo no chão. A ausência de professores ou gestores nestes momentos, durante as brincadeiras, sempre foi notada durante as observações. Essa interação é negativa e prejudica a criança que sofre com essas práticas.

Essas brincadeiras escondem de certa forma todo mau tratamento e violência que ocorre com as crianças negras. Durante esses momentos, foi possível observar que quando se

tratamos das crianças negras, essas sofrem com a violência e ainda tem que por si só prestar-se socorro, porque não há ninguém nesses espaços que possa ao menos levanta-las, sequer notam a sua ausência fora da sala de aula. “No espaço escolar, as cenas que ultrapassam os limites da brincadeira e do respeito à criança, deixando em seus lugares um quadro de explícita violência” (CAVALLEIRO 1998, p.158).

As relações estabelecidas são marcadas pela reprodução da violência na escola, onde as crianças negras são vítimas no sentido que sofrem e acabam reproduzindo ao revidarem, como diz o PROFESSOR E, ao passarem por situações conflituosas em que sofrem com algum tipo de violência, as crianças negras “devolvem na mesma moeda”. No que diz respeito às formas reação ao racismo, alguns meninos são os que mais reagem por meio da agressão. De certa forma, acabam desenvolvendo umas posturas que não trarão resultados satisfatórios. Isso mostra que, alguns revidem ao tratamento racista, tende a criar algum impedimento que sempre irá atrapalhar no seu rendimento escolar presente e no futuro da criança. Quando a criança negra reage ao racismo é mal interpretado e excluído, quando não reage interioriza sentimentos que levam a alto-exclusão, muito embora isso demonstre modo civilizada de participar da escola.

As meninas apresentam também atitudes de revide ao racismo, como um fato presenciado onde uma das crianças havia colocado mel na cadeira para que o (a) professor (a) pudesse vir a se sentar e se sujar. Esse comportamento pode revelar a forma como a criança é tratada pelo professor (a) em sala. Atitudes assim pode explicar distanciamento e sentimento de repulsa percebido por parte de determinados professores.

Por não conseguirem perceber o racismo dentro da escola, os professores, diretores, funcionários, tendem a interpretar todo comportamento agressivo das crianças como uma má conduta apenas, assim o racismo é naturalizado e a escola nega a sua existência por não conseguir perceber sua transformação entre os espaços. As atitudes por parte das crianças falam por elas, exprimem sentimentos e estão cheios de significados.

A escola por sua vez não identifica o que acontece para que as crianças negras venham a desenvolver esses comportamentos e acabam sempre fazendo pré-julgamentos com discursos do tipo “Não querem nada com a vida”, “Só vem para escola bagunçar”. Isso é o que mais foi possível ouvir nos espaços sendo direcionado sempre para as crianças negras por parte dos adultos, essas crianças estão sempre mais vulneráveis a esses comentários e acabam revidando a tudo isso, criando sempre atitudes que levaram a mais discriminação dentro da escola.

Mediante o cenário apresentado pela escola em que a violência não é notada, as crianças normalizam todas as atitudes que tomam de agressão, xingamentos para com as crianças negras e já que não são impedidas, o racismo vai tomando grandes proporções, tomando conta dos espaços da escola.

### 3.3 FORMAÇÃO INSUFICIENTE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS.

A Rede Municipal de Educação da Cidade de Picos tem tratado de forma superficial a educação das relações étnico-raciais. Na pesquisa de Fátima Christiane Guedes Barbosa intitulada “O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na rede municipal de Picos – PI”, defendida em 2014 (UFPI), a autora constata toda a superficialidade com que a rede trata o tema desde de que a Lei foi sancionada. A formação docente até o momento não contou com nenhum curso de pós-graduação com a questão das relações étnico-raciais, nem muito menos qualquer processo de formação sistematizado. Por outro lado, nas escolas também constatou a ausência da implantação da Lei 10.639/03 que obriga a inclusão das Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras nos currículos escolares. As formalidades não escondem que o tratamento da questão vem sendo secundarizada pelas escolas da rede.

As iniciativas pedagógicas da escola pesquisada, dentre muitos conteúdos que envolvem o mesmo, são precárias. De acordo com o relato do PROFESSOR D, as iniciativas são “bem precárias, assim... iniciativas é só essa questão mesmo de palestras, geralmente chamam pessoas de fora para dar palestras, mais assim de iniciativas é só a nível de palestras”. Ainda acrescenta o PROFESSOR F que as iniciativas “Só quando vamos para os planejamentos os coordenadores que vem de fora falam para incluir o tema nos conteúdos”.

A formação docente sobre a temática ganha um sentido de insuficiência para que os professores possam se apropriar de conhecimentos que contribuam para a melhoria da prática pedagógica na temática das relações raciais na Escola Municipal Berimbau.

Já é conhecido e destacado por diferentes estudos sobre as relações raciais que, além do desconhecimento da Lei, questões fundadas no racismo e no preconceito presentes na sociedade causam desafios e entraves para que a temática ganhe lugar e seja legitimada nas matrizes curriculares das escolas e universidades. (GODOY, 2017, p.81)

É nesse sentido, que na escola não existem iniciativas concretas, um trabalho cotidiano em sala de aula envolvendo a transversalidade do tema uma vez que a formação, por ser insuficiente, não proporciona tais conhecimentos. Geralmente conteúdo sobre o papel dos negros na formação social e cultural da sociedade brasileira, em boa parte das escolas, aparece

de forma superficial e esporádica. Em outras palavras “O que pode ser observado é que as escolas têm abordado as diferenças raciais de forma circunstancial, como no Dia da Consciência Negra” (ABRAMOVAY, 2016, p.334). O que vemos é exclusão dos conhecimentos que relatam sobre a participação dos negros na construção da sociedade. Gevanilda Santos aborda que:

O debate sobre temas relativos ao preconceito racial, à prática discriminatória e à concepção do racismo no Brasil foi afastado da História, dos currículos escolares, do cotidiano do jovem leitor e de toda a sociedade. A impressão é que não existe racismo no Brasil. (SANTOS, 2009, p.21).

Essa falsa impressão de não existência do racismo remete ainda as questões debatidas sobre o mito da democracia racial. Na verdade, o não trabalho dos conteúdos sobre as relações raciais e o racismo nos leva a pensar que a sociedade não é racista, tão pouco a escola. O racismo resiste de forma que cria estruturas para sua perpetuação uma vez que, em muitas escolas, na inexistência de formação docente e de um planejamento adequado que coloque no nível do Projeto Político Pedagógico, os debates e intervenções não acontecem.

Os sujeitos entrevistados deixam claro em suas falas a inexistência de formação. [...] “Às vezes a gente mesmo nunca foi instruído a como lidar com aquilo, ai você está dentro da sala, acontece e você não sabe nem o que fazer e ai, você só chama atenção e pronto, acaba repetindo de novo” (PROFESSORA A). Fica fácil o racismo se manifestar livremente pela escola uma vez que os professores podem chegar a presenciar inúmeras situações racistas e pela ausência de preparo não tem intervir adequadamente no contexto do espaço escolar.

É nesse sentido, que a capacitação dos docentes se apresenta como um dos eixos fundamentais para enfrentamento do racismo nas escolas, onde o professor poderá mediar às relações de forma que as mesmas não se manifestem no contexto da reprodução de ideologias das desigualdades, como os preconceitos e distinção de cor, dentre outras forma de discriminação.

A insuficiência de formação dos docentes entrevistados condiz também, no não uso da transversalidade a qual tem papel fundamental na introdução dos conteúdos de historia e de cultura africana e afro-brasileira em todas as disciplinas. Sobre o uso das diretrizes da educação das relações étnico-raciais nas escolas uma das entrevistadas acrescenta que:

[...] ainda é muito deficiente, falta demais, falta um trabalho assim mais serio de tudo no geral na educação, vindo de cima, vindo da família para trabalhar todo mundo para a gente ver um resultado melhor porque muitas pessoas dizem que não existe mais isso, mais na medida em que você vai para uma sala de aula que você começa conviver com todas as crianças, adolescentes e jovens você percebe que esse jovem, esse adolescente, essa criança negra, ela sofre demais e recua muito na qualidade de aprendizagem.

A fala da professora além provar a inexistência do trabalho com as diretrizes, ainda revela que os alunos recuam na aprendizagem, uma vez que os professores não trabalham conteúdos que deveriam ser introduzidos na sala de aula e da escola como um todo, buscando afirmação das crianças negras e valorização das mesmas. A falta de formação do professor sobre as relações raciais pode em muito afetar na vida escolar das crianças.

É esperado que as crianças negras tivessem seu rendimento escolar limitado quando, por exemplo, o professor sequer reconhece os prejuízos que o racismo pode causar na trajetória escolar desses sujeitos. A falta de formação tende ainda a ser mais prejudicial ao ensino toda vez que o professor apresenta posturas negativas meio as relações tendendo a atender melhor as necessidades dos alunos brancos. Talvez o comportamento apresentado por boa parte dos professores pela falta de formação, deva estar associado a posturas racistas. Temos que reconhecer que vivemos em um país racista em que não se formam professores aptos a lidarem com essa questão, o que leva a escola não trabalhar a temática e ainda deixar que o racismo afete a vida das crianças.

Percebemos a existência de leis e diretrizes que tratam da obrigatoriedade das questões raciais nas escolas, mas que não são vistas concretamente nos espaços escolares aqui na cidade. A inexistência de formação sobre as relações raciais funciona com um dos muitos meios de reforço do racismo nas escolas com foi observado na escola pesquisada.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários autores fazem constatação e convergem para a afirmação de que o processo do racismo está relacionado com a forma desigual com que a população negra veio sendo tratada ao longo da história da sociedade brasileira. A pesquisa que realizamos demonstrou que as relações raciais desiguais são parte da formação desigual da sociedade brasileira. Desde a Colônia se configuram e se modificam as formas, intensificando-se, principalmente na escola.

No contexto das relações raciais da Escola Municipal Berimbau, o racismo se faz presente de diversas formas, muito embora, visivelmente a maioria das crianças da escola seja de cor negra. Isso foi possível de presenciar através das observações e entrevistas realizadas com professores daquela escola. Foi possível verificar junto à realidade da escola, no que diz respeito às atitudes das crianças ao sofrerem racismo, que provocam sentimento de rejeição, um mal estar da convivência e limites de interação das crianças. Algumas delas se retraem de diferentes formas, sejam motivando a saída da sala de aula, passando a circular pelos corredores e pátios fora do tempo de recreação, ou mesmo, recusando-se a se somar as atividades em sala de aula. São mecanismo de resistência latente que em algumas situações se expressão no ficar calado, não chamar atenção.

Mas existem outras formas de reação que se dão através de atitudes agressivas entre as crianças disfarçadas por um suposto ímpeto violento de quem é negro e mora num bairro pobre e de periferia. A violência racial também é suportada com o revide à rejeição ao traço racial sofrido por parte das crianças negras. Outras crianças, ao verem a negação da cor da pele, procuram se adaptar, incorporam padrões que sejam aceitáveis, agindo dentro dos limites de comportamentos, muitas vezes na forma de vestir e ajeitar os cabelos e se portar em sala de aula sem chamar atenção.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou ver que o não tratamento das questões sobre o racismo na escola faz com que as crianças desde cedo reproduzam práticas racistas e passem a normalizá-las por todo processo escolar. Ignorar o racismo e ocultar sua existência e implicações promove condições para que os espaços escolares sejam marcados pela prática da discriminação, dificuldade de interação entre as crianças pelas atitudes racistas como xingamentos e até isolamento dos espaços escolares. Assim, as relações entre as crianças se dão de forma conflituosa sendo que as crianças negras são rejeitadas

principalmente por causa da sua cor. Dessa forma as crianças revidam ao racismo e o racismo resiste por meio de práticas cotidianas.

A insuficiência de formação adequada sobre o tema por parte dos professores para tratamento da questão se agravam uma vez que os mesmos não tendo preparo para lidar com as situações de racismo acabam naturalizando as relações de desigualdades raciais entre as crianças. A ausência de compromissos com as diretrizes para o ensino das relações étnico-raciais ficam evidente, na medida em que a Rede Municipal e a própria escola não toma iniciativas sistemáticas e permanentes como colocar este componente curricular em andamento. As ações esporádicas como projetos ou eventos pontuais não resolvem o problema.

É preciso debater de forma diversificada todos os conteúdos culturalmente produzidos e fazer toda uma reflexão de forma crítica, trazendo estudos sobre povos indígenas, asiáticos, africanos e europeus. Dessa forma, a diversidade pode se fazer presente fazendo com que a escola consiga por meio de instrumentos de reflexão crítica fazer a formação de uma concepção de mundo diferenciada onde possa trazer todo o reconhecimento dos diferentes povos tanto dentro como fora da escola, abrindo caminhos para combate qualquer tipo de discriminação. Nesse caso, a transversalidade seria meio ideal para fazer enfrentamento dessas questões. É preciso resgatar a identidades das crianças para que, desde cedo, sintam orgulho de suas origens. Os conhecimentos escolares sobre a história sobre a formação da sociedade devem ser tratados neste sentido.

É preciso levar em consideração a importância dos estudos sobre o tema das relações raciais. Devemos assim compreender todo e qualquer tipo de discriminação que leve ao racismo, sua complexidade de fatores e como o mesmo pode se fazer presente nos espaços da escola bem como deve ser trabalhado para não interiorizar-se e se fazer presente na vida das crianças atrapalhando seu rendimento escolar, e sua relação com o meio que o cerca. Podendo trazer problemas para vida adulta em meio tantas outras desigualdades que permeiam nos espaços da sociedade.

## REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Míriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório da Violência da Educação, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília : UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

ALVES, Claudicéa Durans. **Políticas de ações afirmativas e a questão racial: a promoção da igualdade sócio-racial é possível por meio da educação?** Encontro comemorativo dos 30 anos do NEAB/UFMA/IV, Encontro Nacional do CONNEABS. II Jornada Internacional de Ciências Sociais, Diálogos Diaspóricos: Diversidade e Identidade. São Luis - Maranhão, 13 a 16 de outubro de 2015.

ALVES, Cynthia Cristina de Souza. **O racismo na escola e o combate com ações pedagógicas**. Guarabira: UEPB, Trabalho de conclusão de curso – Universidade Estadual da Paraíba - 2012.

BARBOSA, Fátima Christiane Guedes. **O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na rede municipal de Picos – PI** – Monografia de graduação- UFPI, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** / Laurence Bardin : tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro, - São Paulo : Edições 70, 1977.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, outubro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 3270**, 28 de setembro de 1885. Lei dos Sexagenários.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. Enferm**, Brasília (DF), set/out, p611-614, 2004.

CARVALHO, Marcelo Pagliosa. História da educação da população negra: o estado da arte sobre educação e relações étnico-raciais (2003-2014). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 211-230, maio/jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-211.pdf>. Acessado em: 26 nov. 2018.

CAVALLEIRO, Elianne dos Santos. **Do silêncio ao lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, 1988

FONSECA, Marcus Vinícius. **A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

G1 EDUCAÇÃO. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/um-quarto-das-escolas-publicas-nao-aborda-o-racismo-em-atividades-extras-na-sala-de-aula.ghtml> >. Acesso em: 15 de set. 2018.

GODOY, Eliete Aparecida de. A ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a Lei 10.639/03. **Rev. Educ. PUC- Campinas.**, Campinas, 22(1):77-92, jan./abr., 2017.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**, 2004, p.21 a 30.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso: 08/11/2018.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUIZ, Maria do Carmo; SALVADOR, Maria Naszaré; CUNHA Jr. Henrique. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, p.69-72.

Milhoes-de-criancas-e-jovens-fora-da-escola-aponta-unicef. Educação. disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/08/brasil-tem-37-milhoes-de-criancas-e-jovens-fora-da-escola-aponta-unicef.html>>. Acesso em 06 de Nov. 2018.

MOURA, Clóvis. **Os estudos sobre o negro como reflexo da estrutura da sociedade brasileira**. A sociologia do negro brasileiro. Editora Ática S.A. – Barão de Iguape, 1988, p. 17 a 32.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

O COMBATE AO RACISMO PASSA PELA ESCOLA. Disponível em: .  
<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/O-combate-ao-racismo-passa-pela-escola/>.  
Acessado em: 15 de out. 2018.

PAGANINE, Joseana. Lei dos Sexagenários completa 130 anos. *Jornal do Senado - Brasília*, segunda-feira, 31 de agosto de 2015, p. 4-5.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico**. Editora Respel, 4º Ed.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** São Paulo: Atlas, 2007

SANTOS, Joel R. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Global, 2016.

SILVA, A. R. S. da; SILVA, R. S. da S. A História do negro na Educação: entre fatos, ações e desafios. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p.

193-204, jul./dez. 2005. Acessado em 26 nov 2018. Disponível em:  
<<http://www.uneb.br/revistadafaceba/files/2011/05/numero24.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Glênio Oliveira da; SILVA, Lázara Cristina da. **Educação das relações étnico-raciais em suspensão**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

Tem racismo na escola sim. É só perguntar às crianças negras. Disponível em:  
<<https://www.geledes.org.br/tem-racismo-na-escola-sim-e-perguntar-criancas-negras/>>.  
Acesso em 04 de Nov. 2018.

TRINDADE, Ozoilta Loretto da. **O racismo no cotidiano da escola**. Dissertação de Mestrado - Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** : a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo : Atlas, 1987.

## APÊNDICE A



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
RUA CÍCERO EDUARDO S/N – BAIRRO JUNCO – 64.600-000 – PICOS –PI  
FONE (89) 3422-4389 – FAX (89) 3422-4826  
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
PROF. ME. ROMILDO DE CASTRO ARAÚJO**

**VALÉRIA CAMPOS MENÊZ**

### **RELAÇÕES RACIAIS NOS ESPAÇOS DA ESCOLA MUNICIPAL BERIMBAU DA REDE MUNICIPAL DE PICOS**

#### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

PERGUNTA 1 - VOCÊ ACHA QUE EXISTE RACISMO AQUI NA ESCOLA MARIA GIL ? JUSTIFIQUE.

PERGUNTA 2 - QUAIS AS EXPRESSÕES DO RACISMO A NÍVEIS DE ATITUDES POR PARTE DOS ALUNOS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS ?

PERGUNTA 3 - DE QUE FORMA VOCÊ ACHA QUE O RACISMO AFETA A CONVIVENCIA DOS ALUNOS NO ESPAÇO ESCOLAR ?

PERGUNTA 4 - COMO AS DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS SÃO TRABALHADAS NA ESCOLA ?

PERGUNTA 5 - QUAL IMPORTÂNCIA VOCÊ VÊ NAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ?

PERGUNTA 6 - VOCÊ ACREDITA QUE AS CRIANÇAS NEGRAS REAGEM AS SITUAÇÕES DE RACISMO ?

PERGUNTA 7 - QUAIS AS INICIATIVAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA NO SENTIDO DE FAZER PARA O ENFRENTAMENTO DAS QUESTÕES DO RACISMO ?

PERGUNTA 8 - QUAIS AS INICIATIVAS QUE VOCÊ ACHA MAIS EFICAZ NO SENTIDO DE COMBATER O RACISMO ?

PERGUNTA 9 - VOCÊ JÁ CHEGOU A PRESENCIAR ALGUMA SITUAÇÃO DE RACISMO NA ESCOLA ?

## APÊNDICE B

<b>FICHA DE ANÁLISE</b>		
<b>Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)</b>		
Nome/Classificação: PROFESSOR A		
Disciplina: PORTUGUÊS, MATEMÁTICA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS.		
Ensino Fundamental Menor. Série 1º Turma 1º “A” Turno: MANHA		
UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
É bem claro e discriminatório a questão do negro de ficar mais de lado, dele não ser visto, dele não receber elogios.	Limites de interação	As crianças não são enxergadas pelos professores. São excluídas, rejeitadas, implica ainda dizer que existe desigualdade de tratamento, em que só o negro fica de lado.
Ficam tímidos no seu canto a gente tem que ficar chegando neles tentando colocar eles para cima, outros reagem de forma mais agressiva, devolvendo, xingando.	Sentimento de rejeição  Revide a rejeição	Os sujeitos que sofrerem com o racismo se isola, as relações nesse caso são conflituosas e possui caráter de exclusão onde alguns se sentem mal e revidam através até mesmo da violência.
Essa criança negra, ela sofre demais e recua muito na qualidade de aprendizagem.	Limite de interação	A criança que sofre meio as relações de discriminação é de certa forma aquela em que terá menor desenvoltura em sala. O racismo dessa forma causa dificuldade de aprendizagem nas crianças.
Vem a questão do Bullying também que tende mais a criança negra né.	Violência racial	As formas de violência sò se manifestam para as crianças negras, esses são xingados, humilhados se tornando muitas vezes a piada da escola.

<p>Maioria são meninas bem tímidas, isoladas, inclusive, eles dão maior resposta em termo de reagir agressivamente, mais do que as meninas.</p>	<p>Limite de interação</p> <p>Revide a rejeição</p>	<p>Algumas crianças tendem a não reagir mediante praticas racistas que sofre. Enquanto que os meninos reagem e de forma agressiva. Da mesma forma que o racismo rsiste na escola, as crianças também criam meios de resistência.</p>
<p>Apelidos, xingamentos, alguns alunos serem acusados porque são os negros da sala, “foi ele que pegou”, “esse negro sem vergonha”</p>	<p>Violência racial</p>	<p>As manifestações do racismo se dão de diversas maneiras, julgamentos negativos são feitos sempre relacionados as crianças negras como se estas carregassem consigo heranças de todo passado de injustiças onde tudo de ruim que acontecia se voltava para o negro.</p>

## FICHA DE ANÁLISE

### Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)

Nome/Classificação: PROFESSOR B

Disciplina: PORTUGUÊS, MATEMÁTICA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS.

Ensino Fundamental Menor. Série 1º Turma 1º “B” Turno: MANHA

UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
<p>Já, tanto dos adultos, como dos alunos, já tive alunos que não queriam sentar perto um do outro porque o outro era negro, já tive aluno que não queria sentar perto do outro porque o outro era mais sujinho, por ser mais pobre. Já aconteceu de mães dizerem pra eu não deixar o seu filho sentar perto de outro e a gente percebe que é com preconceito mais ela diz que é porque ele conversa muito, tem medo deles brigar mais percebemos que è por que o outro aluno é negro. Já briguei com funcionários que quando entra um aluno branco da o pratinho na mão, mais quando è o negro joga o prato,, e eu reclamei na hora. E sempre acontece uma coisinha.</p>	<p style="text-align: center;">Limite de interação</p>	<p>As relações revelam que o racismo vive no ambiente escolar, uma vez que este se camufla através de comportamentos e ações que muitas vezes são naturalizadas no ambiente escolar. as atitudes tomadas dentro da sala de aula muitas vezes podem gerar problemas, inclusive quando as situações estão relacionadas as praticas racistas, por isso o professor deve saber reconhecer essas atitudes e deve saber como lidar com essas situações. Percebemos ainda, que a família de certa forma também influencia de forma negativa uma vez que ensina aos filhos a ignorarem o outro, serem preconceituosos.</p>
<p>Afeta porque quem ta sofrendo com racismo acaba ficando um pouco reprimido, acabar ficando com medo de interagir com outras crianças, até mesmo nas atividades, ele consegue fazer bem mais melhor,</p>	<p style="text-align: center;">Sentimento de rejeição  Mau estar na convivência</p>	<p>As crianças ao perceberem que estão sendo tratadas de forma inferior, passar a se auto excluir, de certa forma o racismo funciona como ferramenta de exclusão racial.</p>

mais por se sentir um pouco reprimido ele acaba não desenvolvendo como deveria.		
Elas são de grande importância e devem ser sim trabalhadas de forma interdisciplinar junto com outros conteúdos na sala de aula [...]	Formação insuficiente	É perceptível que os professores não sabem de fato a importância do trabalho com as Diretrizes das relações raciais. Esses comentam sobre o assunto de forma superficial acabam demonstrando que não estão preparados para lidarem com as questões raciais em sala.
99% não reage, ficam mais é internalizado.	Sentimento de rejeição.	Boa parte das crianças não sabendo lidar com as situações que a envolvem acabam calando-se e o racismo se manifesta de forma que a escola não faz reconhecimento sobre o que as crianças poderiam estar sentindo através de tais comportamentos.
Já, tanto dos adultos, como dos alunos, já tive alunos que não queriam sentar perto um do outro porque o outro era negro, já tive aluno que não queria sentar perto do outro porque o outro era mais sujinho, por ser mais pobre.	Limite de interação	A cor das crianças negras entre as relações estabelecidas tem caráter de exclusão estabelecendo barreiras de interação com as demais crianças.

**FICHA DE ANÁLISE**

**Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)**

Nome/Classificação: PROFESSOR C

Disciplina: PORTUGUÊS, MATEMÁTICA, HISTÓRIA.

Ensino Fundamental Menor. Série 2º Turma 2º “A” Turno: MANHA

UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
[...] eu acho que tem assim a falta de respeito entre eles, não querendo aceitar, aí vira aquela interferência entre eles.	Mau estar na convivência  Limite de interação	Os alunos através do tratamento recebido passam a não se sentirem bem na escola, o que acaba fazendo com que boa parte destes se refira a escola como local ruim, de sofrimento, isso limita diretamente a interação dessas crianças nos espaços da escola.
Já sim, através de palavrões.	Violência racial	Os xingamentos aparecem em muitas situações, sendo estes uma forma de racismo.

## FICHA DE ANÁLISE

### Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)

Nome/Classificação: PROFESSOR D

Disciplina: HISTÓRIA, GEOGRAFIA.

Ensino Fundamental Menor. Série 2º Turma 2º “B” Turno: MANHA

UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
<p>[...] então quando vemos os alunos nessa situação de discriminação com outras pessoas acaba influenciando outros alunos, então isso vai aos poucos fluindo de forma negativa, o clima dentro de uma sala de aula com pessoas que são diferentes[...]</p>	<p>Mau estar na convivência</p> <p>Limite de interação</p> <p>Revide a rejeição</p>	<p>As situações que envolvem as crianças negras acabam por introduzir nelas um mal estar no ambiente escolar, tanto na sala de aula como fora.</p>
<p>Aparentemente não acho que isso pode até ser um problema, porque aparentemente você vê ali que ficam caladas, só que isso pode ser um problema muito grande, porque a pessoa pode sentir e se expressar de forma silenciosa e isso pode gerar consequências posteriores, dentro da suas casas, ou nas ruas, mais dentro de sala de sala de aula vejo que geralmente elas não reagem</p>	<p>Sentimento de rejeição</p> <p>Mal estar na convivência</p>	<p>Algumas reações dos alunos se apresentam através do silêncio, se excluir se apresenta como forma imediata para fugir dos problemas que encontram meio as relações.</p>
<p>Bem precário, assim... iniciativas é só essa questão mesmo de palestras, geralmente chamam pessoas de fora para dar palestras, mais assim, de iniciativas é só a níveis de palestras.</p>	<p>Formação insuficiente</p>	<p>Na escola não existem iniciativas para enfrentamento das relações raciais. Isso demonstra falta de formação por parte dos profissionais que compõe a escola. a transversalidade dessa forma não aparece nos currículos da escola, já que nem mesmo nos planejamentos é citado.</p>

<p>As vezes a gente mesmo nunca foi instruído a como lidar com aquilo, ai você está dentro da sala, acontece e você não sabe nem o que fazer e ai, você só chama atenção e pronto, acaba repetindo de novo.</p>	<p>Formação insuficiente</p>	<p>Muitas situações vivenciadas em sala podem passar despercebidas pelos professores uma vez que a formação deixou lacunas que podem interferir na sua docência, fazendo com que reproduzam praticas que geram desigualdades entre as crianças.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## FICHA DE ANÁLISE

### Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)

Nome/Classificação: PROFESSOR E

Disciplina: POLIVALÊNCIA

Ensino Fundamental Menor. Série 3º Turma: 3º “A” Turno: MANHA

UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
<p>Não tem muito o que comentar não, o que eu vejo é um aluno chamar o colega de um nome que desagrada, chamar de “macaco”, só isso mesmo, não tem o que dizer não.</p>	<p style="text-align: center;">Violência racial</p>	<p>As situações presenciadas pelos professores são naturalizadas, os mesmos parecem não conhecer os problemas que podem estar relacionados aos xingamentos que atingem em boa parte as crianças negras. Estes colocam que não é nada demais, como se fosse algo normal de se presenciar nos espaços, toda a violência voltada para essas crianças.</p>
<p>Bastante, até porque, a gente sabe que quando você é ofendido de alguma forma, isso afeta diretamente o psicológico da criança. Isso influencia em casa, no próprio estudo da criança, a gente percebe quando o aluno está com falta de atenção.</p>	<p style="text-align: center;">Sentimento de rejeição  Limite de interação</p>	<p>Uma dos sujeitos entrevistados, contudo, mostra-se uma exceção reconhece que toda discriminação que sofre as crianças negras irá afetar seu psicológico, manifestando-se em outros meios. Esse mesmo aluno será aquele excluído, que terá dificuldade de interagir em sociedade, pois já terá internalizado esse sentimento em toda fase do ensino, o racismo determina dessa forma as relações estabelecidas levando a exclusão futura dessas crianças na sociedade em que vivem.</p>
<p>Criança ela geralmente devolve na mesma moeda, e tomam gosto com isso.</p>	<p style="text-align: center;">Revide a rejeição.</p>	<p>Mediante as situações vivenciadas as crianças tendem a reproduzi-las como forma de revide, esse comportamento é de certa forma a saída encontrada pelas mesmas de dizer não as praticas que sofre na escola.</p>

**FICHA DE ANÁLISE**

**Caracterização do(a) professor(a) entrevistado(a)**

Nome/Classificação: PROFESSOR F

Disciplina: POLIVALÊNCIA

Ensino Fundamental Menor. Série 3º Turma 3º “B” Turno: MANHA

UNIDADE DE ANÁLISE OU SIGNIFICADO (RELEVÂNCIA IMPLÍCITA)	CATEGORIZAÇÃO (APRIORÍSTICAS)	AFERIÇÃO (SUPOSIÇÃO)
Sim, batendo nos outros, tem raiva uns dos outros, xingam muito, cantam músicas imoral, falam dos roubos dos pais, os outros ficam falando apanham em casa.	Revide a rejeição	De certa forma, as atitudes tomadas pelos alunos mostram que a exclusão faz com que muitos desenvolvam meios de chamar atenção através desses comportamentos, mostrar que estão ali naquele local. O que acaba atrapalhando sua interação com o meio.
Só quando vamos para os planejamentos os coordenadores que vem de fora falam para incluir o tema nos conteúdos.	Formação insuficiente	A falta de formação se faz também presente na escola uma vez que não existe incentivo para trabalho com os temas relacionados a população negra. O falar por falar de forma aleatório é somente um discurso o qual muitos sem ter conhecimento se quer dão importância.
Não, nesse ano na minha sala não, mais ano passado sim! Uma menina sofria muito com apelidos, xingamentos.	Violência racial	Na escola, as meninas em boa parte sofrem mais com praticas de violência racial.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Valéria Campos Menêz,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Relações raciais entre criminosos nos espaços  
da escola Berimbau da Rede Municipal de Picos.  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Fevereiro de 2019

Valéria Campos Menêz  
Assinatura

Valéria Campos Menêz  
Assinatura